



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS
E MATEMÁTICA – PPGECIMA
MESTRADO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**



VALÉRIA SANTOS SANTANA OLIVEIRA

**ECOFEMINISMO E O ENSINO DE BIOLOGIA: sexismo e especismo nas falas de
estudantes veganas**

**São Cristóvão – SE
2020**

VALÉRIA SANTOS SANTANA OLIVEIRA

ECOFEMINISMO E O ENSINO DE BIOLOGIA: sexismo e especismo nas falas de
estudantes veganas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Alexandre Pagan

São Cristóvão - SE
2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Oliveira, Valéria Santos Santana
O48e Ecofeminismo e o ensino de biologia: Sexismo e espicismo nas
falas de estudantes veganas / Valéria Santos Santana Oliveira;
orientadora Alice Alexandre Pagan. – São Cristóvão, SE, 2020.
90 f.

Dissertação (mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) –
Universidade Federal de Sergipe, 2020.

1. Ciências – Ensino e aprendizagem. 2. Ecofeminismo. 3.
Sexismo. 4. Biologia – Estudo e ensino. 5. Veganismo. I. Pagan,
Alice Alexandre, orient. II. Título.

CDU 51:574.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGECIMA



ECOFEMINISMO E O ENSINO DE BIOLOGIA: SEXISMO E ESPECISMO NAS
FALAS DE ESTUDANTES VEGANAS

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
20 DE FEVEREIRO DE 2020

PROFA. DRA. ALICE ALEXANDRE PAGAN

PROF. DR. WELLINGTON BARROS DA SILVA

PROFA. DRA. MARIANA GUELERO DO VALLE

Dedico este trabalho à Dona Maria, minha mãe,
o meu exemplo de luta e determinação como
mulher.

AGRADECIMENTOS

“Escolho meus amigos não pela pele ou outro arquétipo qualquer, mas pela pupila. Tem que ter brilho questionador e tonalidade inquietante. A mim não interessam os bons de espírito nem os maus de hábitos. Fico com aqueles que fazem de mim louco e santo. Deles não quero resposta, quero meu avesso. Que me tragam dúvidas e angústias e aguentem o que há de pior em mim. Para isso, só sendo louco. Quero os santos, para que não duvidem das diferenças e peçam perdão pelas injustiças.” (WILDE, Oscar)

O meu coração é inteiramente grato a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para que eu chegasse até aqui e encontrasse a importância do meu eu neste trabalho. Obrigada por me revelarem o meu avesso!

Hoje encerro uma jornada de 24 meses, e com os olhos cheios de lágrimas lembro do dia em que recebi aquele resultado que, de início, custei a acreditar que ali realmente era meu número de matrícula... rsrs. Uma sensação surreal.

Para mim, não há outra forma de começar meus agradecimentos senão externando minha gratidão a meu bom Deus por ter permitido que eu chegasse até aqui. Mesmo diante de tantas dificuldades e tantos acontecimentos que, por vezes, sugaram minha força e me fizeram ser a pessoa mais frágil do mundo.

Agradeço ao meu Pai Vilobaldo (in memoriam), minha estrela guia, agradeço por todos os ensinamentos e pela sua profissão, afinal, essa dissertação é exatamente o avesso dela. Sei que daí de cima o senhor deve estar olhando pra mim e dizendo: “Essa menina é danada, viu?!”

À minha mãe, dona Maria, meu exemplo de força e determinação, que desde cedo me ensinou a não desistir. Minha mãe que, mesmo sofrendo o luto dos meus irmãos e da minha avó nesses últimos seis meses, não me deixou desistir da concretização desse sonho. Esse título é para a senhora!

Aos meus irmãos e irmãs Joelma, Josenilde, Vagner (in memoriam), Anderson (In memoriam), Lucivan, obrigada pela fraternidade. Em especial, à Viviane, que mesmo sem saber minha temática, me fez rir com suas histórias, planos e gargalhadas sobre o dia da tão sonhada defesa, e à Vitória, minha menina de personalidade forte e ideais invejáveis que abraçou esta pesquisa, ouviu minhas angústias e aprendeu sobre o veganismo e a afetividade para me ajudar. Eu amo tanto vocês!

Ao meu esposo Leandro, obrigada pela cumplicidade e por me dar o seu abraço quando mais precisei (e continuarei precisando) ... Desculpa os dramas, você tinha razão. Te amo!

À minha doce Clarinha, que está crescendo rápido demais e eu não consegui estar tão presente durante esses dois anos, mas que sempre me recebeu com um sorriso no rosto. É tudo por você, mainha.

Aos meus amigos de infância Eudes e Darti, obrigada pelos risos e companheirismo de sempre.

Ao amigo e às amigas que a UFS me presenteou durante a graduação, Wendell (minha dose diária de otimismo e mensagens de equilíbrio... Todo mundo tinha que ter um amigo como você na vida), Daniela (minha companheira de “deslizes e sofrimentos” rsrs), Elaine (minha companheira além da Biologia e “socorrista” 24h rsrs) e Gabi (minha corretora ortográfica oficial), obrigada pela amizade e por estarem imersos comigo durante o processo da escrita dessa dissertação. Vocês moram em meu coração!

À minha orientadora, professora Doutora Alice Pagan, por todas as orientações e por me permitir conhecer uma temática tão relevante para nós seres animais humanos. É como sempre digo a todas as pessoas que me conhecem: Alice é maravilhosa!

À turma do mestrado 2018.1, gratidão pela acolhida e por todas as trocas de conhecimentos, em especial, Andréia e Tayse. Vocês são luzes na vida das pessoas!

Gratidão aos professores e toda equipe pedagógica do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECIMA/UFS por todos os ensinamentos e esclarecimentos nesse percurso.

“Todas as vitórias ocultam uma abdicação.”

(Simone de Beauvoir)

OLIVEIRA, V. S. S. **Ecofeminismo e o ensino de Biologia**: sexismo e especismo nas falas de estudantes veganas. 2020. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

RESUMO

Partindo de considerações históricas que mostram a Ciência mais compatível com habilidades estimuladas no gênero masculino, aqui ressaltamos a importância de serem debatidas temáticas que aproximem o ensino da disciplina de Biologia ao feminino. Primeiramente, refletimos sobre aproximações entre o ensino de Biologia e movimentos ecofeministas, que denunciam os sistemas de opressão patriarcal. Em segundo lugar, buscamos compreender se indicadores de uma consciência compatível com a construção ecofeminista podem ser colhidos das falas de mulheres veganas sobre como elas tem construído suas relações de afeto com os animais a ponto de deixarem de se alimentar deles. Por fim, buscamos entender se a partir desses relatos podemos construir reflexões sobre um ensino de Biologia mais compatível com a afetividade e o feminino. Em resumo, essa pesquisa objetiva analisar indicadores de elementos ecofeministas nas falas de mulheres veganas sobre como elas têm construído uma relação de afeto com a natureza e animais não humanos, com atenção especial aos temas do sexismo e do especismo e como essa relação poderá contribuir para o ensino de Biologia. Para isso, foram aplicadas oito entrevistas semiestruturadas com estudantes veganas da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Essa quantidade foi definida por critérios de saturação do discurso. Os relatos foram gravados, transcritos e interpretados a partir da Análise Temática do Conteúdo proposta por Bardin. Os depoimentos mostraram aproximações afetivas das histórias das estudantes com a natureza e os animais. Em contrapartida, ainda de acordo com os relatos o ensino de Biologia que é passado em sala de aula ainda precisa de um avanço nos estudos em relação a empatia com os animais não humanos e da natureza de modo geral. Também foi possível identificar uma intrínseca relação entre o sexismo e o especismo, por meio do preconceito de gênero que existe em meio a sociedade. Fator esse que apresenta o ser humano como superior em relação aos outros animais, que por sua vez são separados, em aqueles que podem ser consumidos e aqueles que podem ser tidos como parte da família. Logo é possível que possamos construir um ensino de Biologia mais feminino buscando entender o que as mulheres ensinam em suas lutas.

Palavras-chave: Movimento Ecofeminista, Ensino de Biologia, Afetividade, Mulheres veganas.

OLIVEIRA, V. S. S. **Ecofeminism and the teaching of Biology**: sexism and speciesism in the speeches of vegan students. 2020. 90 f. Dissertation (Master's degree in Teaching Science and Mathematics) – Federal University of Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

ABSTRACT

Starting from historical considerations that show the most compatible Science with abilities stimulated in male gender, we emphasize here the importance of debating themes that approximate the teaching of Biology to the feminine. Firstly, we reflect on approximations between the teaching of Biology and the ecofeminist movements, that denounce the systems of patriarchal oppression. In second place, we seek to understand if indicators of a compatible consciousness with the ecofeminist construction can be harvested of the speeches of vegan women about how they have built their relations of affection with animals to the point of no longer feeding on them. Lastly, we search to understand if starting from these reports we can construct reflections about a teaching of Biology more compatible with the affectivity and the feminine. Summarizing, this research aim to analyze indicators of ecofeminist elements in the speeches of vegan women over how they have built a relation of affection with the nature and not human animals, with especial attention to the themes of sexism and speciesism and how this relation may contribute to the Biology teaching. For this, was applied eight semi-structured interviews with vegan students of the Federal University of Sergipe (FUS). This quantity was defined by speech saturation criteria. The reports were recorded, transcribed and interpreted from the Thematic Content Analysis proposed by Bardin. The depositions showed affective approaches of the students' stories with the nature and the animals. In contrast, still according to the reports, the teaching of Biology that taught in classroom still needs a progress over the empathy with not human animals and the nature in a general way. Also was possible to identify an intrinsic relation between the sexism and speciesism, by means of gender prejudice that exists in society. This factor that presents the human being as superior in relation to others animals, that in turn are separated, in those that can be consumed and those which can be seen as part of the family. Betimes is possible that we can build a teaching of Biology more feminine, seeking to understand what women teach in their fights.

Keywords: Ecofeminist Movement, Biology Teaching, Affectivity, Vegan women.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização das participantes	25
Quadro 2: Representações das categorias preestabelecidas e indicadores das falas das estudantes entrevistadas.....	29

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC	Análise de Conteúdo
CONEPE	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
PROGRAD	Pró-reitoria de Graduação
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO	8
1.1. Perspectivas masculinas no processo de construção da Ciência	8
1.2. O ensino ecofeminista: Um caminho a seguir?	13
1.3. Possibilidade de um ensino de Biologia mais compatível com a afetividade e o feminino	16
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	20
2.1. Pesquisa de epistemologia ecológica	20
2.2. Aspectos éticos da pesquisa.....	21
2.3. A entrevista	21
2.4. Acesso às participantes.....	23
2.4.1. Caracterização das participantes	25
2.5. Tipo de Análise.....	27
CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
3.1. Categoria: Indicadores Ecofeministas	31
3.1.1. Comportamentos sexistas e especistas na sociedade	32
3.1.2. Relatos entre alteridade e hierarquização.....	33
3.1.3. Ativismo contra a opressão	34
3.2. Categoria: Questões afetivas entre o veganismo e o ensino de Biologia	35
3.3. Discussões pertinentes	36
CONSIDERAÇÕES	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICES	50
Apêndice A: Termo de anuência	50
Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	51
Apêndice C: Roteiro da Entrevista	55
ANEXOS	56
Anexo A: Comprovante de envio do projeto ao Comitê de ética	56
Anexo B: Transcrição das entrevistas	61

APRESENTAÇÃO

“O tema escolhe a gente, sabe?”

Essa história começou durante minha graduação, quando tive a oportunidade de participar do programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID), com temáticas que norteiam as questões de gênero no ambiente de ensino, tais como os estereótipos que são criados em torno do gênero feminino. Desde então, busco compreender e me embasar em tal temática. Fator esse que me incentivou a desenvolver minha monografia também estudando sobre como são tratadas as questões de gênero entre os jovens nos ambientes virtuais. Hoje, eu, enquanto professora, sensível à equidade de gênero, confesso que o meu maior desafio foi a escrita dessa dissertação, pois ao mesmo tempo que me encantei com a proposta da minha orientadora, fiquei nervosa ao pensar como eu iria pesquisar sobre o veganismo... Logo eu que cresci em meio ao consumo da carne? Por que não? Como entender que amor é esse pelos animais? É construído culturalmente ou será um processo de construção pessoal? Por que uma pessoa que come carne vai entrevistar veganas? Será que as pessoas que comem carne não têm empatia com os animais não humanos? Essas e tantas outras perguntas que eu mesma me fiz durante a construção do meu projeto de pesquisa. Confesso que demorei para encontrar algumas respostas... Eis que, em uma das reuniões com minha orientadora, a professora Alice soltou essa frase: “Valéria, o tema escolhe a gente, sabe?” De repente foi como se um turbilhão de pensamentos surgisse e começasse a fazer todo sentido pesquisar sobre o ecofeminismo e o ensino de Biologia. Mas você pode estar se perguntando: Por que mulher vegana? Porque buscamos, por meio deste trabalho, apresentar a relação existente entre o elo mais oprimido pelo patriarcado, neste caso as mulheres que são subjugadas e passam por diversos tipos de agressões (sejam físicas ou psicológicas), como os animais não humanos e a natureza que sofrem constantemente opressões e hierarquizações pelo sexo masculino. Ao começar o processo de pesquisa bibliográfica, este nos levou a indicadores, os quais foram sendo evidenciados na escrita e, principalmente, durante as falas das participantes. Ao entrevistar essas estudantes, tentei ao máximo buscar um olhar mais sensibilizado da minha história. Quando criança, cresci em sítio rodeada pela natureza e por diversos animais como cachorros, galinhas, papagaios, carneiros, coelhos, bois, vacas, cavalos, entre outros. Sempre tive afeto pela natureza e pelos animais, no entanto, por outro lado, também cresci vendo que a cultura da alimentação pela carne do animal sempre foi vista

como algo natural e passado de geração para geração. Filha de pai fazendeiro, marchante¹ e açougueiro, nunca busquei entender que aqueles animais também faziam parte do mesmo reino animal que eu (num sentido mais afetivo), e que apenas o que nos diferenciava era a questão do ser humano e ser não-humano. De certo modo, essas mulheres também cresceram em contato com a natureza, os animais e tiveram recordações parecidas. Porém, traçaram e estão traçando um caminho diferente, embasadas pelo campo da afetividade nas lutas do movimento ecofeminista, nos fazendo compreender o mundo com maior empatia. Acredito que, por meio de pesquisas como essa, poderemos alcançar tal sensibilidade, pois é preciso entender diferentes pontos de vistas, inclusive para ampliar quem nós somos. Para que possamos, com o auxílio das aulas de Biologia, (des)construir e evoluir como o ser animal humano que somos...

¹ Quem compra gado, para vender sua carne a açougues; negociante de carne bovina.

INTRODUÇÃO

Atualmente um tema que seja contra-hegemônico suscita críticas e questionamentos para serem debatidos, especialmente por parte daqueles que desejam manter a sua supremacia e não querem perder os seus “privilégios”. Assim acontece com os movimentos que fazem denúncias aos sistemas de opressão por gênero, classe, raça/etnia, orientação sexual, dentre outros, como por exemplo: os feminismos e os ambientalistas (ROSENDO, 2015). No entanto, esses são temas que precisam ser aprofundados e correlacionados aos direitos humanos, pois tratam-se de conquistas feitas por esses movimentos ao longo dos anos.

De acordo com Daniela Rosendo (2015) a partir do momento que compreendemos os direitos humanos como conquistas históricas, é preciso que tenhamos um olhar atento para quem estes estão favorecendo, de maneira que não podemos afirmar direitos para sujeitos abstratos, quando na realidade esses representam um sujeito que é definido muito bem: ele é heterossexual, classe média e branco. Nesse sentido, correntes feministas nos mostram que também não é possível falarmos de uma mulher abstrata, pois uma mulher negra, pobre e lésbica sofre desproporcionalmente as injustiças e opressões se for comparada a uma mulher branca, heterossexual, cis e rica.

Embora o pensamento feminista ao longo dos anos venha se expressando de diversas maneiras, por meio de argumentos e diferentes propostas, todas elas possuem o mesmo comprometimento: Abolir o sexismo, ou seja, acabar com o sistema de opressão baseado no sexo. Nesse sentido, utilizam-se de duas principais categorias que é a do patriarcado e do gênero. Neste trabalho, assumimos que o patriarcado pode ser entendido como a dominação masculina que ocorre a partir da alegada superioridade dos homens em relação às mulheres. O gênero, por sua vez, pode ser entendido como uma categoria a ser analisada a partir da qual é possível compreender a nossa sociedade. Para Scott (1995, p. 89), “[...] o gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”.

Para Adams (2012) o modo como foi estruturada em nossa cultura a política em relação ao gênero está intimamente ligada à política de como vemos os outros animais, em especial àqueles que são consumidos. Logo, o patriarcado acaba sendo um sistema que está implícito nas relações entre nossa espécie e as demais, embora todas as interconexões sejam importantes para colaborar com a necessidade de um olhar mais atento às formas de opressão.

Poderíamos pensar qual seria a relação entre a opressão das mulheres e os animais não humanos pelo machismo? Diferentes respostas podem ser usadas para essa pergunta através do

ecofeminismo. Uma delas podemos descrever como a ligação entre o gênero feminino e a luta incansável pelas defesas ambientais que trazem a relação existente nesse sistema de opressão e nos mostram que essa questão não é apenas um modismo que surgiu nas últimas décadas, é um desenvolvimento das questões ambientais no seio do ecofeminismo (CIOMMO,1999).

Induzidas do sentimento de ligação com a natureza, as mulheres possuem entendimento que existe uma interconexão entre esta e os seres humanos, tendo como um ponto forte para esse vínculo a prevenção contra a destruição ambiental. Dessa forma, essa identificação passou a ser um projeto positivo para a ecologia (BIEHL, 2011). Diante dessa constatação, a ecóloga social Janet Biehl, passou a destacar essa íntima relação que existe entre as mulheres e o meio ambiente, dispondo como base o resgate dos valores de respeito pela natureza e pelos ideais humanitários. Reforçando, as preocupações que materializam o movimento social ecofeminista (BIEHL, 2011). Reforçamos ainda que é necessário (re)considerar as relações que são estabelecidas entre a sociedade e a natureza, sendo esse um ponto de partida para também repensarmos as relações de gênero, visando compreender a vida por meio desse processo de construção (BAUHARDT, 2013).

Podemos encontrar na literatura ecofeminista várias interconexões entre a dominação das mulheres, dos animais e da natureza: conceitual, socioeconômica, histórica, empírica, linguística, epistemológica, política, entre outras. Todas essas interconexões nos reforçam a uma necessidade de analisar com criticidade os dualismos existentes a partir dos quais a sociedade está estruturada, em especial, romper a barreira que existe da espécie a partir do círculo de moralidade e considerar também os animais não humanos e a natureza.

Diante disso, considerando primeiramente que existe a subordinação das mulheres em relação aos homens, em segundo lugar existe uma conexão entre o gênero e o ambiente, podemos apontar que há uma proximidade entre os papéis de gênero e a questão ambiental. Trazendo essa questão para pensarmos o ensino de Biologia, percebemos possibilidades de ampliar sua compreensão para, através dele, construirmos formas de combater tais opressões, afim de que seja incorporado também uma visão não antropocêntrica, antissexista e antiespecista nessa Ciência. Por isso, é de suma importância reconhecer a relação existente entre as diferentes formas de interconexão com os sistemas de opressão. O ecofeminismo apresentado por Carol J. Adams, mostra os animais, assim como a natureza, no centro do sistema de dominação patriarcal (OLIVEIRA, 2018).

O ecofeminismo defendido por estudiosas como Marti Kheel, Lori Gruen, Greta Gaard, Josephine Donovan, Ynestra King, Barbara Noske e Karen Warren, nos permite fazer tal justificativa, pois por meio de suas pesquisas começaram a identificar a relação entre a opressão

de mulheres e animais, relacionando assim a temática do sexismo à temática do especismo, pois para elas o movimento ecofeminista trouxe à tona a estreita relação entre a submissão e exploração da natureza e das mulheres (MONTEIRO; GARCIA, 2013).

Ademais, as conexões entre o ecofeminismo e o ensino de Biologia poderiam se entrelaçar por meio da afetividade e das emoções presentes entre os humanos, os animais e a natureza. Nessa perspectiva, como as mulheres veganas estudantes desenvolvem empatia em relação a natureza e aos animais não humanos? E quais as possíveis contribuições desses conhecimentos para o ensino de Biologia? Justificamos a escolha por mulheres veganas, a fim de ressaltar a importante relação existente entre elas e a natureza que são ao mesmo tempo subjugadas no sistema de dominação patriarcal.

Destacamos a relevância do veganismo por ser entendido como o modo de vida que tem por objetivo acabar com toda a forma de exploração de animais, não apenas na alimentação, mas em todos os outros usos que a humanidade faz com eles. Por exemplo: no vestuário, na composição de produtos para a comercialização, no dia a dia do trabalho ou até mesmo para o entretenimento (MONTEIRO; GARCIA, 2013). Para o vegano, os outros animais não existem para a exploração dos humanos, bem como a mulher para servir ao homem, nem os negros aos brancos. Cada animal é dono e proprietário da própria vida, tendo dessa forma o direito de não ser tratado como um ser inferior. Nesse sentido, veganos propõem uma analogia entre sexismo, especismo, racismo e outras formas de discriminação (LESSA; GALINDO, 2017).

Silva (2005) aponta que a ideia do ser animal é anterior à ideia do ser humano, no entanto, é o animal que possui sua representação simbólica quando relacionado ao humano, e a Biologia possui uma forte contribuição para nomeação dos seres vivos, animais e animais-humanos. Dessa forma, é o humano que acaba criando seu próprio conhecimento sobre o animal não humano e sobre si mesmo. Nessa esfera, o ensino de Biologia passa a ser uma influência que acaba por vezes tentando entender o que ocorre na natureza humana, formando discursos que instiguem as maneiras de ser e de existir dos homens e mulheres.

Ainda de acordo com Silva (2005) sabemos que existem conteúdos do ensino de Biologia que possuem uma intrínseca relação com o conhecimento do corpo humano, esse que é perceptível nas atividades didáticas em sala de aula. Com isso, o corpo é visto como um elemento-chave no sistema de classificação entre homem e mulher, para a existência humana, no entanto, ele é inseparável das diferentes identidades construídas ao longo dos anos.

Nessa perspectiva, esperamos que o ensino de Biologia por meio do afeto e do ecofeminismo, possa ser um caminho para os estudantes (re)pensarem o ensino dessa ciência envolvendo os animais e a natureza em seu contexto social. Assim, este trabalho objetiva

analisar indicadores de elementos ecofeministas nas falas de mulheres veganas, como elas têm construído uma relação de afeto com a natureza e animais não humanos, com atenção especial aos temas do sexismo e do especismo e como essa relação poderá contribuir para o ensino Biologia. Em específico, entender como se dá o processo de construção da relação afetiva das estudantes veganas com a natureza e os animais não humanos, identificar nas falas do grupo pesquisado indicadores da perspectiva ecofeminista e investigar se há contribuições dessas perspectivas para o ensino de Biologia.

A partir do exposto, em suma, este estudo está dividido em introdução, referencial teórico, referencial metodológico, resultados e discussões, e, por fim, a conclusão. Em seu primeiro momento que está sendo apresentado, mostramos os principais conceitos e alguns pesquisadores da área, bem como a questão central, o objetivo geral e os específicos.

No primeiro capítulo, intitulado como o referencial teórico, visamos o que constitui o cerne desse trabalho, a crítica feita a uma Ciência masculinizada marcada por priorizar nos textos e premiações da história da ciência, dando pouca ênfase às pesquisadoras femininas. Um exemplo clássico que podemos citar ocorreu no ano de 1953 quando James D. Watson, Francis Crick, Maurice Wilkins e Rosalind Franklin construíram o modelo de estrutura do DNA, no entanto, tal descoberta só foi possível por intermédio de vários estudos de Rosalind Franklin que, por meio da cristalografia, conseguiu imagens da difração de raios-X do DNA, podendo levar a apresentação do que hoje temos com a “dupla hélice” de uma estrutura. Franklin foi considerada como uma das cientistas mais importantes da Biologia molecular cuja sua vida e seu trabalho sempre estiveram envoltos de grandes situações preconceituosas e controvérsias. Porém, apenas os três pesquisadores: Crick, Watson e Wilkins receberam o Prêmio Nobel em 1962 por essa descoberta (OSADA; COSTA, 2006).

Em seguida, buscaremos aproximar o gênero ao ensino de Biologia por intermédio do ecofeminismo, ressaltando a crítica que constituem o masculino e a Ciência por meio do sistema de dominação patriarcal. Esse sistema e as consequências negativas nos mostram os seus reflexos na construção da Biologia como Ciência a partir dos pressupostos de busca pela dominação da natureza. Depois disso, pretendemos construir algumas reflexões acerca do que vem a ser um ensino de biologia com possibilidades ecofeministas. Tal questionamento nos leva a pensar em um ensino de Biologia mais afetivo com a natureza e os seres vivos e querer nos aprofundar cada vez mais nessa discussão.

Após serem expostos os referenciais, será descrito no segundo capítulo, a abordagem metodológica, que está constituída do processo de construção da pesquisa até a fase de coleta de informações. Em seguida, no terceiro capítulo iremos apresentar os resultados obtidos (neste

caso, a transcrição dos áudios das entrevistadas) e os discutiremos levando em conta o embasamento teórico. Ademais, serão discorridas as considerações finais.

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo iremos apresentar os conceitos principais que norteiam esta pesquisa, a princípio demarcaremos a presença das perspectivas masculinas no processo de construção da Ciência, com enfoque na Biologia, buscando refletir sobre os efeitos desse paradigma sobre os pesquisadores e pesquisadoras que integram tal campo do conhecimento bem como no ensino. Logo após, apresentamos algumas possibilidades de aproximações do movimento ecofeminista para o ensino de Biologia, trazendo conceitos e perspectivas que busquem unir o ensino dessa disciplina ao feminino.

1.1. Perspectivas masculinas no processo de construção da Ciência

Partindo do pressuposto que a Ciência se mostra predominantemente masculina, questão essa marcada pelo sistema de dominação patriarcal e todas as suas consequências negativas, notamos que os reflexos desse sistema no processo de construção da Biologia como uma Ciência se dão por meio de intenções da humanidade por busca pela dominação da natureza. Nesse sentido, o autor Attico Chassot (2004) em seu trabalho: “A CIÊNCIA É MASCULINA? É, sim senhora!” nos traz uma reflexão ao abordar aspectos que mostram o porquê de se ter desenvolvido a Ciência dessa forma.

Preliminarmente podemos observar que no histórico da nossa sociedade, não é só a Ciência que é masculina, mas toda a nossa civilização desde a antiguidade. Chassot (2004) aponta alguns exemplos que denotam a subordinação do feminino ao masculino: “violências contra mulheres em outras civilizações: mutilação genital feminina²; pena de morte por apedrejamento de mulheres adúlteras e infanticídio de bebês do sexo feminino, na China, como meio de controlar os nascimentos” (CHASSOT, 2004, p. 12).

Ainda de acordo com Chassot (2004), a ausência de mulheres na História da Ciência, é significativo saber que no início do século XX, tínhamos uma Ciência culturalmente entendida como uma profissão imprópria para a mulher, do mesmo modo que em meados do século era dito quais eram as carreiras que os homens e quais as carreiras que as mulheres deveriam seguir. Como podemos observar um maior número de mulheres estudantes de pedagogia em relação ao número de homens. Do mesmo modo que, no curso de geologia ocorre o contrário. Para o autor, na maioria das vezes não precisamos fazer nenhum esforço para vermos que estamos

² Extirpação do clitóris, sem anestesia, faz parte de um ritual de iniciação à adolescência (CHASSOT, 2004, p.12).

diante de uma cultura que se apresenta na Ciência predominantemente como masculina e com distinções de profissões.

De acordo com Lopes (2005), esse é um fator que explica o número relativamente pequeno de mulheres na ciência, principalmente para desenvolver pesquisas sobre a relação entre gênero e ciência. Sendo justificadas pela ideologia predominante que sustenta a racionalidade, objetividade e a neutralidade que circunda esse ambiente.

Costa (2006) corrobora nessa perspectiva ao mostrar que o processo que distancia as mulheres da ciência é visto como uma atividade sistematizada, a qual se dá por meio do processo de socialização, cujo muitas das vezes dificulta a entrada na ciência. Podemos citar como exemplos a escolha entre família, maternidade e carreira, que é imposta pela sociedade, quando na verdade, pode-se conciliar os três. Assim, não precisamos apenas superar os constrangimentos impostos socialmente, mas sim reinventar novos modos de ser uma profissional na ciência. Se faz necessário repensar como está fundamentada a questão da mulher na parte de fazer pesquisa, de modo que, seja possível acabar com os estereótipos que norteiam esse sistema, para que, possamos nos aprofundar em uma nova abordagem de atividade.

Pensando em como lutar contra esse sistema de opressão, o movimento feminista dedicou-se a batalhar pela igualdade entre os gêneros em toda a sociedade, inclusive no ensino escolar. O feminismo pode ser visto como um movimento social e/ou uma teoria crítica, a qual dedica-se em delinear os mecanismos de coerção estrutural, responsabilizados pela subordinação das mulheres aos homens. Tais mecanismos são apresentados como um sistema *sexo-gênero*, chamado de patriarcado, que está presente na maioria das sociedades conhecidas e que se mantém sustentado sobre raízes materiais, simbólicas e ideológicas. Assim, as diferenças biológicas entre homens e mulheres seriam a justificativa das desigualdades sociais existentes (SILIPRANDI, 2009).

Na contemporaneidade, ouvir falar sobre o movimento feminista no meio acadêmico não é uma questão que cause estranhamento, tendo em vista que existem debates frequentes que mostram o quanto este movimento vem crescendo, pois esse é um ambiente no qual o/a discente passa uma parte do seu dia e desenvolve uma opinião crítica sobre a temática participando de discussões, palestras e debates (JARDIM; BRÊTAS, 2006). Sobre esse movimento, Costa (2013) afirma que o crescimento se dá também por chamar a atenção sobre o caráter político opressivo em relação as vivências da mulher e a distinção da diferença sexual em meio a sociedade e no meio acadêmico. Segundo Molyneux,

As mulheres aceitaram o princípio da diferença sexual, mas o rechaçaram como fundamento para a discriminação injustificada. As líderes dos movimentos de mulheres criticaram seu tratamento diante da lei e 4 impugnam os termos de sua

exclusão social e política, mas o fizeram de forma que reconheçam a importância do seu papel na família, um argumento que foi utilizado tanto pelas feministas quanto pelos estados, ainda que com fins distintos (MOLYNEUX, 2003, p. 79).

Nesse sentido, esse caráter político opressivo nos remete aos silenciamentos que ocorrem na sociedade, para ele, é preciso dar voz àqueles que durante muito tempo foi silenciado por conta do pensamento tradicional no ocidente, a começar pelos estudantes, para que na medida que são utilizadas essas representações e estereótipos, possamos desmistificar esses (pré)conceitos (PELÚCIO, 2012). Os silenciamentos parecem ocorrer, dentre outras coisas, pelo foco apenas na racionalidade do estudante quando pensamos o ensino e a aprendizagem das ciências. Essa racionalidade se mostra integrada à ideia de uma ciência da natureza construída por homens para o controle dos organismos vivos.

Em concordância, podemos dizer que homens e mulheres são construídos socialmente pelos humanos por meio das interações que existem com a matéria, ou seja, não pode ser visto com naturalidade a dominação da humanidade com a natureza, nem a dominação do homem com a mulher (MOSCOVICI, 1975). Como podemos ver no fragmento:

Convertidas em sinais, as mulheres se tornam os problemas do status do homem, indícios de sua virilidade em face dos outros homens. Mas com isto elas apenas levam uma existência social inferior. A valorização de sua beleza e de seus encantos é um indício deste ponto. Figura de retórica da linguagem pública, concebida pelos homens para os homens. A comunicação com a mulher continua sendo forçosamente uma comunicação privada, pois ela não poderia jamais tornar-se sinal e apenas isto, pois num mundo de homens ela continua sendo da mesma forma uma pessoa e, na medida em que definimos como sinal, temos de reconhecer nela um produtor de sinais (MOSCOVICI, 1975, p. 234).

A partir desse pensamento foram possibilitados uma aliança que em diálogo com a mulher, tornava-a como parte da natureza, uma emissora de sinais naturais. Com isso, o relacionamento humano com a natureza vem em face nos revelar sobre as relações entre os próprios seres humanos, especialmente, a relação entre dominação do corpo da mulher em analogia à dominação da natureza a partir da perspectiva colonizadora racionalista da ciência. Para Moscovici (1975), são os seres juntamente com a matéria que formam o que temos hoje como natureza, ou seja, a natureza deve ser entendida como um produto resultado de um processo histórico e cultural localizado com a matéria. Ademais,

[...] a distinção entre os sexos é, quase por definição, a primeira de todas as distinções sociais. De tal forma que certas instituições importantes repousam sempre na distinção os sexos. A escolha entre aquilo que é permitido e aquilo que é proibido põe simultaneamente em jogo as duas dimensões, combinando-as para discriminar o semelhante do diferente, o eu e os outros (MOSCOVICI, 1975, p. 253).

Pagan (2009) apresentou em um trabalho que estudantes do curso de Ciências Biológicas denotam que existe no ensino de Biologia uma compreensão que movimenta sobre quem nós somos, de onde viemos e para onde vamos como humanidade de forma afetiva. Aqui,

destacamos a importância das relações afetivas com a natureza, que passa pela contribuição do feminino. É certo que é possível que em determinados contextos, onde a questão não é satisfatoriamente abordada, esse assunto será distorcido e poderá se fundir em uma ideia na qual a humanidade, mais precisamente o homem, se sinta o representante alfa do grupo animal sendo mais aperfeiçoado do que os demais, como se a evolução perseguisse um fim (PAGAN, 2017).

Fourez (2003) destaca a visão epistemológica de construção da Ciência em duas formas de representação: a primeira julga a Ciência como uma imagem exata do real, inquestionável, neutra, que reflete bem a realidade e funciona independente de qualquer finalidade humana. Mas, a segunda forma de representação associa a Ciência à construção humana, que é complexa, não sendo absolutamente o espelho da realidade, mas sim, como o autor cita, um mapa que precisa ser direcionado, e por ser um artefato humano, é uma encenação para humanos em função de objetivos.

Em contrapartida, o ecofeminismo mostra uma nova vertente colocando o homem no mesmo patamar que a mulher, o qual busca entender e esclarecer as interconexões entre a exploração das mulheres e da natureza, ambas associadas à visão hierárquico-dualista existente dessa dominação masculina, sustentada no contexto da sociedade (ROSENDO, 2017). Nessa linha, a perspectiva ecofeminista abre um referencial inovador de experiência mais inclusiva e ampla, do que o veiculado por nossa cultura no ocidente em relação a mulher e o meio ambiente.

O ecofeminismo é um movimento que tem por objetivo a construção de uma sociedade com maior equidade de gênero, o qual identifica-se pelo estímulo à participação das mulheres nas mais diversas esferas de decisão, principalmente questões ambientais (DIAS, 2008). O termo Ecofeminismo foi citado pela primeira vez em 1974 no livro “Le Feminisme ou La Mort”, da autora Françoise D’Eubonne, o qual surgiu com o objetivo de lutar contra a dominação das mulheres e da natureza em diferentes aspectos, sejam eles históricos, simbólicos, espirituais e, sobretudo, políticos podendo assim ser visto como uma ética contextual (LESSA; GALINDO, 2017). A autora Françoise d’Eaubonne foi uma autora de vários escritos que norteiam a mulher e o meio ambiente, além de ativista. Levando em consideração a importância dos seus pressupostos nesses tempos de crise ecológica, é de suma importância que seja dada uma maior relevância a entender suas ideias que gira em torno do ecofeminismo para seja possível tentar resolver esses dilemas (ROTH-JOHNSON,2013).

Esse movimento traz uma relação entre a Ciência, a mulher e a natureza, os quais seriam o enfoque das primeiras preocupações em meio à sociedade. É baseado na luta pela preservação da vida livre das mulheres e da natureza, sendo essencial estabelecer uma harmonia com o nosso

habitat. De modo que sejam recuperados os valores que foram desmistificados pela mudança cultural no processo de desconstrução do sistema que tenta justificar a opressão sofrida pelas mulheres e a exploração da natureza e dos animais não humanos (BIANCHI, 2012).

Para esse movimento, a ecologia é um assunto feminista, pois existem semelhanças que não são debatidas pela Ciência ecológica. Com isso, o ecofeminismo vem mostrar uma nova visão dessa relação entre o movimento ecológico e o movimento feminista, desvinculada do que é entendido pela concepção socioeconômica e a concepção de dominação (WARREN;CHENEY, 1991; WARREN, 1994; 2005). Falar sobre as relações do ser humano com a natureza nessas três vertentes passa por instâncias culturais para mostrar a dominação existente da humanidade com o meio em que vive. Dessa forma, se faz necessário refletir sobre a importância da mulher em grande parte das questões ambientais que permeiam a problemática de sustentabilidade do ambiente (MACHADO, 2007).

Nesse sentido, o ecofeminismo possui uma vertente da política feminista, que faz uma sensata combinação entre as preocupações feministas e as preocupações ambientais. No artigo *“Os Sentidos e Representações do Ecofeminismo na Contemporaneidade”* de Iriê Prado de Souza (2010), a ética ambiental diferencia-se do socialismo e do feminismo “padrão”, pois esse movimento surge como uma síntese dessas três preocupações: a relação do ser humano com a natureza, do ser humano com ele próprio, e das relações de poder do homem com a mulher (RAMÍRES-GÁLVEZ, 2010). É nessa esfera que o ecofeminismo se delinea por meio da dualidade existente na sociedade, fazendo com que sejam ressignificados valores vistos, até então, como o paradigma das relações sociais.

É importante ressaltar que um ecofeminismo que esteja atento aos animais não diminui em nenhuma das circunstâncias as mulheres, pelo contrário, ele permite que pensemos sobre a confluência de variáveis como gênero feminino e masculino, humanidade, cultura, ciência, natureza, entre outras. Além disso, como expõem Albright (2002) e Gaard (2011, p. 200) é nesse ponto dos dualismos existentes a questão de interesse do movimento ecofeminista: “todas as categorias de outro compartilham estas qualidades de serem feminizadas, animalizadas e naturalizadas”, relata a autora Gaard, ao se referir à profunda estrutura pela qual natureza, animalidade e o feminino tornam-se associados. Ainda assim, uma parte dessas associações parecem essencializar feminino e masculino (ALBRIGHT, 2002). Em virtude de a natureza, os animais não humanos e as mulheres estarem posicionados do mesmo lado do dualismo, estando o homem no outro lado, se faz relevante buscarmos ideias que superem essas dicotomias perante as formas de dominação independente da espécie.

1.2. O ensino ecofeminista: Um caminho a seguir?

Antes de propormos a ideia de um ensino ecofeminista, precisamos entender o enfoque desse ensino. Aqui buscamos apresentar a relação do especismo praticado entre animais humanos com animais não humanos e do sexismo, o preconceito entre a diferença do sexo. O termo especismo foi descrito pelo psicólogo Richard Ryder, no ano de 1970, e exposto com maior popularização pelo filósofo Peter Singer (1998). Para ele,

[...] o especismo pode ser definido como qualquer forma de discriminação praticada pelos seres humanos contra outras espécies. Como o racismo ou o sexismo, o especismo é uma forma de preconceito que se baseia em aparências externas, físicas etc. A simples constatação de uma diferença é usada como um pretexto ou motivo para a não aplicação do princípio ético da igualdade, entendida como igual consideração de interesses. Mas os pretextos que supostamente justificariam essa discriminação não procedem. Na ética utilitarista, ser passível de sofrimento é a característica que diferencia os seres que têm interesses – os quais deveríamos considerar – dos que não os têm. A condição de “senciente” (capacidade de sofrer ou experimentar prazer ou felicidade) é, portanto, suficiente para que um ser vivo seja considerado dentro da esfera da igual consideração de interesses. A crítica ao especismo é especialmente elucidativa para repensarmos atitudes nossas tão arraigadas como saborear a carne de um animal, um interesse muito pequeno quando comparado à vontade de viver daquele animal (SINGER, 1998, p. 25-92).

Em concordância e fazendo uma relação o termo sexismo expõe a supremacia do sexo masculino em relação sexo feminino, operando no contexto de diferentes categorias sendo assim o sexo feminino acaba por vezes subjugado e inferiorizado da mesma forma que os animais não humanos e a natureza (KERNER, 2012). Em contrapartida, Pagan (2009) apresentou em seu trabalho alguns dados que nos ajudam confirmar que existe uma relação entre humanidade e natureza ao mostrar que graduandos do curso de Biologia reconhecem que o papel dessa ciência está voltado para a entendimento de questões existenciais. No entanto, não temos esse processo de construção nas salas de aula. Dessa forma, nos é apresentado um processo de ensino e aprendizagem com mais enfoque no conteúdo ministrado em sala e menos interação do estudante que está em processo de aprendizagem.

A partir disso, podemos pensar que o ensino ecofeminista apresenta sua relevância para o ensino de Biologia ao abordar um desenvolvimento sustentável em relação à sociedade que envolve a categoria de gênero, pois as mais diversas relações entre o sexo masculino e o feminino norteiam-se pelo seu desenvolvimento em meio ao ambiente e a cultura em que se inserem (CARMO et al, 2016). Tendo em vista que é a conexão com a natureza que se apresenta como elemento que confere sensibilidade do estudante ao aprendizado no ensino de Biologia, este não deve consistir apenas da racionalização sobre os seres vivos, mas também da compreensão de que existe um processo de relações sociais entre todas as espécies que habitam o planeta Terra.

Desse modo, se faz pertinente entender como se dá as articulações existentes entre os dualismos que se retroalimentam na construção e (re)produção de um pensamento totalitário. No entanto, antes precisamos separar a ideia que existe entre as dualidades e dicotomias, pois estas recebem significações a partir de polos opostos, sendo marcado compreensivamente quem nós somos como indivíduos à quem forma o ecossistema, passando por diferenças esferas sociais e culturais (PAGAN; ARAÚJO, 2019).

Para Habermas (2006), é necessário oferecer uma nova leitura no dualismo que existe entre a humanidade e a natureza, de forma que a natureza não seja vista como um objeto, mas como uma parte interlocutora de interação de ambos. Como fica explícito no fragmento:

Em vez da natureza explorada, podemos buscar a natureza fraternal. Na esfera de uma intersubjetividade ainda incompleta podemos presumir subjetividade nos animais, nas plantas e até nas pedras, e comunicar com a natureza, em vez de nos limitarmos a trabalhá-la com rotura da comunicação (HABERMAS, 2006, p.53).

Neste contexto, delinea-se também a dualidade do trabalho masculino em relação ao trabalho feminino que, por sua vez, é invisibilizado e considerado de baixa relevância para a sociedade a qual pertence, em grande parte recebe uma remuneração menor, quando comparado ao salário do homem. Dessa forma, acabam reconhecendo apenas o valor feminino, por exemplo, aos saberes interligados com o cultivo da terra e as tarefas de casa (CARMO et al., 2016). Questões como essas podem ser debatidas nas aulas de Biologia, pois muitas das vezes passam despercebidas e sem importância. O ensino desta disciplina envolve o conjunto de processos organizados e integrados, quer no nível de célula, de indivíduo, de organismo no meio, quer na relação ser humano e natureza e nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais (PARANÁ, 2008).

É preciso considerar que a Biologia vive em processo de construção e transformações, sejam elas humanas ou históricas. Dessa forma, permite ao professor pensar em uma prática pedagógica e buscar teorias que subsidiem a aproximação da temática do ecofeminismo com a Biologia. Contudo, pensar em ensinar tais temáticas como o ecofeminismo, faz com que se busque recursos das mais diferentes formas que desperte o interesse do estudante para a apropriação do conhecimento.

Para Delors (2005) é visto como uma meta para o século XXI criar uma sociedade que apresente condições de vida harmoniosas e produtivas para todos que acabam em sua maioria implicando um engajamento social intenso, o qual pode ser assegurado por uma menção de proposta educativa que possibilite o acesso a um tipo de conhecimento que seja capaz de ampliar e enriquecer a interpretação e interação de mundo a qual vivem todos os seres vivos. A confluência das relações de gênero juntamente à educação ganhou uma maior visibilidade nas

pesquisas educacionais, a partir dos anos de 1990 com extensivos avanços nas reivindicações que visam então à superação, no âmbito do Estado e de políticas públicas (SILVA; ALMEIDA, 2012).

Além disso, o desenvolvimento da humanização tem como meta educativa por excelência de uma tendência pedagógica ou até mesmo tradição, deparar-se, em sua prática, com uma vasta diversidade de obstáculos que muitas das vezes são esquecidos (SILVA, 2004), para que seja possível promover a busca de soluções e haja uma melhoria de ensino, estimulando assim a pesquisa e implementação em suas diferentes esferas, as quais o ensino de Biologia permite abranger afetivamente a natureza (KRASILCHIK, 1987). É nessa esfera que as relações de afetividade apresentam por meio do movimento ecofeminista e as relações de gênero se inserem, mais precisamente, uma afetividade vivenciada entre a humanidade e a natureza.

Para Alsop (2005) é possível que se tenha um bom ensino em Ciência ou Biologia, seja na escola, na faculdade ou em ambientes informais, de modo que possa melhorar o interesse dos estudantes em ciências. No entanto, antes é preciso apresentar que qualquer conhecimento exposto dos grandes cientistas indicam a “paixão” que estes sentem por seu assunto e assim aprimoram esse aprendizado (ALSOP, 2005). O que acaba por vezes sendo apresentado por cientistas que desejam que os estudantes sigam a linha de pensamento dele sobre a humanidade e a natureza.

A humanidade, ao longo da sua existência, em seu processo de construção histórica do acervo, que hoje em dia é usualmente denominado por conhecimento universal sistematizado, utilizou-se de questões direta ou indiretamente, e demandas sociais relacionadas aos aspectos da realidade como referências iniciais. Essa referência se reflete na escola tradicional que, por sua vez, desconsidera o processo de construção das vivências e afetividade ao deixar de mencionar os objetos de interesse da sociedade e os contextos sócio-históricos dos empreendimentos científicos (SIMÕES, 1994), bem como compreender os discursos em questão é um requisito fundamental para a coexistência de argumentos e falas, e as aulas de Biologia é um espaço privilegiado para promover uma compreensão do discurso científico em particular.

De acordo com Pagan (2017) ao se pensar no ensino Biologia em suas diferentes esferas, se faz necessário pensar em uma relação entre o conteúdo aprendido e o sujeito que se aprende como um todo. Neste sentido, as relações do ser humano com a natureza passam por instâncias culturais que são sucedidas de geração em geração, para mostrar a dominação da humanidade sobre o meio em que vive. Em conformidade com a autora, as Ciências Biológicas têm

elaborado novas perspectivas sobre o futuro da humanidade, especialmente sobre a atuação e a finitude da espécie e da consciência individual, principalmente nas discussões sobre a vida no planeta (PAGAN, 2017).

No ensino de Biologia grande parte dos esforços de pesquisa é dedicada à investigação em solução de problemas, como por exemplo no ensino de práticas laboratórias, onde além de observar aquilo que os estudantes estão aprendendo, se faz necessário saber como ele está se sentindo ao aprender (MOREIRA, 2007).

Partindo do pressuposto em que é preciso buscar entender como os estudantes estão se sentindo ao aprender determinado assunto, buscamos por meio do movimento ecofeminista encontrar possibilidades para um ensino mais compatível com a identidade feminina do que já foi apresentado pela ciência. Nesse sentido, seria possível que essa ótica nos mostrasse nas aulas de Biologia um ensino com mais afetividade? A grosso modo não poderíamos responder tal questionamento, no entanto é imprescindível demarcar a perspectiva que esse movimento pode nos revelar nessa ciência.

1.3. Possibilidade de um ensino de Biologia mais compatível com a afetividade e o feminino

Diante proximidades que esta possa ter com o ensino de Biologia, para isso, utilizamos como embasamento o campo afetividade. Logo, esse trabalho está amparado pela ótica da afetividade, fator que tem se mostrado relevante no processo de construção do conhecimento e da aprendizagem dos estudantes, na qual são necessariamente as emoções e os sentimentos que denotam suas atitudes e suas motivações para aprender (ALSOP, 2005; REISS, 2005).

Para Oliveira (2013), o campo afetivo possui fatores determinantes para a construção do conhecimento, podendo resultar no sucesso ou insucesso no processo da aprendizagem. Ao pensar sobre a natureza como local que vivemos, estamos apresentando a sua importância em relação ao nosso processo de construção seja ele: afetivo, social, cultural, político e ambiental. Ademais, de acordo com Almeida (1999), as relações de afetividade constituem um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento pessoal do ser humano. É por meio de relações afetivas que o ensino de Biologia poderá apresentar possibilidades com aproximações para o feminino e fraternal para a natureza e os animais não humanos.

Sob o mesmo ponto de vista, Keller (2004) concorda com a inclusão do que pode ser chamado de um “olhar diferenciado” e mais feminino no ensino, pois pode apresentar uma visão diferente em relação a ciência e com o mundo da pesquisa, em especial, a relação com a Biologia. Para analisar essa participação nessa disciplina, precisamos levar em conta alguns

processos de mudanças e rupturas que existem, os quais muitas das vezes possam levar à invisibilidade ou esquecimento desse aspecto nessa ciência. Como já foi citado anteriormente, o fato de as mulheres enfrentarem maiores obstáculos para o engajamento no campo da pesquisa.

Deste modo, a cultura ocidental nos mostra que a relação do ser humano com o meio ambiente caminha para além das dimensões sociais, política, econômica e biológica presentes na questão ambiental. Também estão inseridos nessa discussão o gênero e as relações por ele constituídas, o qual podemos notar, por sua vez, que os gêneros masculino e feminino ditam comportamentos de maneira distinta com o ambiente e fazendo uso diversificado dos recursos naturais (CIOMMO D, 1999; MACHADO, 2007; MORTIMER-SANDILANDS, 2011). Entretanto, as questões que envolvem os gêneros possuem um enredo complexo que transcende os limites existentes entre o masculino e feminino (GAARD, 2011; MORTIMER-SANDILANDS, 2011).

Para Schmidt (2012) esse fator possui raízes no que pode ser descrito como epistemologia patriarcal sobre a diferença que existe entre os sexos, pois passa pelo dualismo entre natureza/cultura. Dualismo esse que produziu uma moldura dominante do humano pelo masculino em sua relação com um ser visto como menos humano, ou seja, uma esfera entre o humano e o não humano que veio a delinear o ser mulher.

A constância do dualismo natureza/cultura e seus efeitos na compreensão do corpo feminino são indissociados dos pensamentos das relações entre mulher/natureza, as quais ocupam um lugar central na concepção da cultura ocidental (SCHMIDT, 2012). No entanto, não há como apresentar onde se inicia cada polo de uma dualidade, de modo que todos estão imbricados e são inerentes uns dos outros para se fazerem explícitas. Podemos citar como exemplos os dualismos que existem entre as relações individual-coletivo e natureza-cultura, que de acordo com o autor são de grande importância constituição do pensamento no campo do ensino de Biologia. Embora tentem expor diferentes olhares para essas dualidades e se façam debates sobre os mesmos tentando os separar, não se pode falar do individual sem o coletivo, muito menos da cultura sem compreender a natureza (PAGAN; ARAÚJO, 2019).

Ainda que sejam apresentadas essa relação de cultura e natureza, e esta nos leve a algumas evidências de como aprender sobre natureza e nos inspire a inteirar-se com nós mesmos como espécie, antes precisamos prestar atenção no que diz respeito aos reflexos das representações construídas em relações sociais, principalmente para poder mostrar caminhos nos quais a Biologia pode ser vista como instrumento de confirmação ou de ruptura de (pre)conceitos (PAGAN, 2009).

Para tanto, precisamos falar da educação científica, bem como falar das atividades que contribuem para a atualização do ser, atividades essas que são desenvolvidas através das emoções (PERRIER; NSENGIYUMVA, 2003). Porém, a educação científica não atribui muita relevância as emoções, fator esse que ocorre por conta de características masculinas da ciência que acreditam atuarem em um mundo distinto (MERTON, 1973).

Além de falar sobre o sentido das emoções, podemos unir ao significado do afeto, que, para alguns são utilizados como sinônimos um do outro, no entanto, para outros, os conceitos de sentimentos, humores e emoções fazem parte do afeto. Embora saibamos que essa temática ainda é pouco trabalhada na educação científica, podemos notar que o afeto, sentimentos, ou as emoções tem sido abordados explicitamente, e que nossas emoções têm um significado adaptativo (ALSOP, 2005).

Ainda de acordo com o Alsop (2005), é em nossa infância que aprendemos como é a linguagem humana, como são os acontecimentos sociais e como “funciona” o mundo natural. Ainda quando nossa capacidade de lembrar certos fatos novos diminua com o passar dos anos, nós conseguimos desenvolver outras habilidades de compensação, como por exemplo, a capacidade de sintetizar, para poder avaliar e selecionar o que sabemos, e estar cientes que tudo o que aprendemos tem repercussões ao longo da vida.

Dessa forma, podemos dizer que nós seres humanos somos animais cujo o nosso sucesso depende exclusivamente daquilo que conseguimos aprender (NEWTON, 2002). Nesse sentido, devemos repensar as práticas de ensinar na sala de aula, sobretudo nas de Biologia, pois é preciso que os estudantes, por meio do afeto, utilizem ferramentas do conhecimento científico para resolverem questões de seu dia a dia. Nessa perspectiva, já não é mais aceitável que uma educação científica seja baseada apenas na racionalidade a qual objetiva apenas o entendimento dos mais diversos conceitos científicos, pois esta já não consegue suportar os diferentes tipos de aprendizes.

O afeto pode ser dinâmico e performativo, e nos chama a atenção pela sua multiplicidade de maneiras pelas quais os corpos se fundem em inovações pedagógicas para afetar e ser afetado na educação científica e na educação propriamente dita. Dessa forma, podemos então acreditar que a “área afetiva se mostrará crucial, na pesquisa e no planejamento curricular no futuro” (HEAD, 1989, p. 162), que talvez esteja já acontecendo. Com isso, a discussão de padrões e complexidade atua para fazer pouco mais do que instigar pungências de inadequação como cientistas principiantes tornam-se esmagados pelos pressupostos de gigantes, como por exemplo, as teorias de Einstein, Newton, Schrödinger, Darwin, Priestley e outros (ALSOP, 2001). Se fosse para descrever todos, a lista de fato seria assustadora. Para alguns estudantes, a

formação frágil de uma identidade dentro da ciência se perde ao rejeitar a incerteza e o risco do que vem a ser o novo na ciência.

É nessa instância que se pode trabalhar as possíveis contribuições por meio de um ensino ecofeminista com olhar feminino dentro do ensino de Biologia para uma educação mais igualitária entre os seres humanos e os animais não humanos. As demandas que estão sendo vivenciadas dentro da sociedade contemporânea requer que o ambiente de ensino revise suas práticas pedagógicas e essa revisão seja necessariamente pela reorganização dos conteúdos trabalhados dentro e fora da sala de aula. De modo que sejam ensinados, debatidos e aprendidos assuntos que até então não são estudados no âmbito escolar, passando do além do que se aprende estudando a natureza, para o que a natureza tem a ensinar no sentido de contribuir para o aumento da sua qualidade de vida e para ampliar as possibilidades dele interferir positivamente na comunidade da qual este animal humano faz parte.

Contudo, é por meio do movimento ecofeminista que buscamos na Biologia promover uma conexão para compreender esse mundo da natureza e dos demais seres vivos. De forma que possamos perceber que é possível construir uma aproximação que beneficie a todos, trazendo assim uma maior satisfação para o ensino.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este capítulo está centrado na apresentação do caminho percorrido nessa pesquisa. Tivemos por objetivo expor aqui o tipo da pesquisa, os aspectos éticos, como se deu o processo de acesso às participantes através da técnica da bola de neve, a técnica da entrevista semiestruturada e por fim, o método da análise adotado para elucidar os questionamentos pertinentes neste trabalho.

2.1. Pesquisa de epistemologia ecológica

O paradigma das pesquisas de epistemologia ecológica que orienta a abordagem dessa pesquisa diz respeito a uma esfera social que se delimita pela preocupação ambiental, ou seja, é um campo que visa instituir maneiras de identificar os valores éticos e morais, bem como as crenças instaurando um horizonte imaginário. Dessa forma, a imaginação ecológica perpassa a vida social redefinindo o lugar onde habitamos e as relações que temos com a natureza e os animais não humanos. Ao tempo que vem para transformar práticas ambientais do nosso cotidiano para preservar o meio ambiente (STEIL; CARVALHO, 2014).

A terminologia epistemologias ecológicas nos apresenta uma região de debates teórico-filosófico na contemporaneidade, a qual deve ser vista necessariamente plural, pois não se tem a pretensão de designar uma única unidade teórica, mas sim uma área com novos horizontes para compreensão. Cujo seu fator em comum é descrito pelo esforço para superar as dualidades modernas, sejam elas sociedade e sujeito, corpo e mente, natureza e cultura, entre outras. Nesse sentido, para desconstruir essas dualidades são propostas pistas conceituais que nos leva a enfatizar as relações que existem entre humanos e não humanos (STEIL; CARVALHO, 2014).

O campo das epistemologias ecológicas nos leva a debates antropológicos e filosóficos que apresentam um reposicionamento existencial do ser humano em relação aos animais não humanos. Para Bateson (2001) trata-se de uma ótica sistêmica voltada para a natureza que propõem parâmetros para o processo do conhecimento elaborados pela ciência tradicional estabelecendo uma conexão entre os fatos, padrões, comportamentos, natureza e mente. Nesse sentido, a relação entre os animais humanos e o meio ambiente em geral estabelece fatores principais como: ter um padrão de sociedade elevado e flexível ao se tratar do meio em que vivemos, de modo que este esteja aberto as transformações, mesmo que sejam básicas.

Para os autores Steil e Carvalho, trata-se de uma fusão da história humana com a história natural, à medida que todos nós humanos e os não humanos convivamos em conjunto no mesmo mundo global, por meio de uma perspectiva representacional. Ainda que, nós seres humanos,

possuamos a habilidade do conhecimento em relação aos outros organismos, e possuamos um espaço restrito e racional em nossa mente. Dessa forma passa a ser impossível dissociar a mente do corpo, o conhecimento da experiência e a natureza da cultura (STEIL; CARVALHO, 2014).

Nesse contexto, pretendemos demarcar que existem diferentes maneiras de compreensão, não apenas uma unidade teórica. Carvalho (2014), corrobora apontando que não se pode externalizar o sujeito do conhecimento, da natureza. É importante ressaltar que essa epistemologia diz respeito a um conceito que ainda está em construção e nasceu da necessidade de estudar a fundo as indagações que surgem em relação ao modo de pensar os dualismos existentes e a forma de agir no ambiente na tentativa de superá-los. Com isso, a imaginação ecológica apresenta o que é conhecido como vida social se tornando uma potência criativa de modo que passa a redefinir o planeta que é habitado por todos os seres vivos, bem como as relações estabelecidas entre uns com os outros, sejam animais humanos ou não humanos em conformidade com a natureza.

2.2. Aspectos éticos da pesquisa

Visando garantir o anonimato e a proteção dos sujeitos participantes, esta pesquisa foi submetida à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), do Ministério da Saúde através da Plataforma Brasil, e por ser pesquisa com seres humanos, respeitamos os princípios éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado sob o número do parecer: 3.561.786. Para garantir o anonimato das participantes, elas foram denominadas por codinomes.

No intuito de viabilizar o desenvolvimento da pesquisa, o projeto foi apresentado a Proreitoria de Graduação (PROGRAD) da UFS para que com a autorização devidamente assinada (APÊNDICE A) fosse possível ser dada a continuidade por meio da técnica da entrevista.

2.3. A entrevista

Em linhas gerais, temos duas modalidades de entrevista: a mediada e a face a face. Sendo que a primeira remete a realização da entrevista via telefone, computadores e até mesmo questionário. A segunda consiste aquela em que o entrevistador fica frente a frente ao entrevistado, podendo sofrer influências verbais e não verbais. É nessa segunda modalidade que essa pesquisa se insere. A qual visou observar não só o que é dito ou perguntado, como também a forma como o entrevistado se expressou, bem como suas pausas e silêncios, entonação da voz e movimentos corporais (FRASER; GONDIM, 2004). Ribeiro apresenta a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores (RIBEIRO, 2008 p.141).

Para identificar os pontos mais convenientes para a técnica de coleta de informações, bem como suas fraquezas, antes é preciso que o pesquisador tenha plena consciência do seu objetivo e do que deseja almejar, através da qualidade das informações obtidas. Com isso, é de suma importância que se tenha em mente que a escolha do tipo de entrevista a ser utilizado precisa ser, necessariamente, o mais lúcido possível (RIBEIRO, 2008).

De acordo com Magnani (1986) para ser um bom entrevistador é preciso saber ouvir de forma ativa e afetiva quem está sendo entrevistado, é preciso que demonstre interesse em sua fala e suas emoções. Ao tempo em que seja possível fazer novos questionamentos, confirmando o interesse por meio de gestos e de quem desejar compreender o que o participante está dizendo, minimizando ao máximo qualquer influência em suas respostas. Além de prestar atenção às expressões utilizadas durante todo o processo da entrevista para seja possível ser feita a análise em concordância com os discursos que embasam a pesquisa.

Manzini (2004) acrescenta que existem três tipos de entrevistas: a primeira é a estruturada, a segunda é a semiestruturada e a terceira é a não-estruturada. Sendo assim, a entrevista estruturada remete aquela realizada por perguntas, muito semelhante a formulários, não apresentando flexibilidade em suas questões. A semiestruturada é aquela direcionada por um roteiro prévio, geralmente ela é composta por questões abertas e apresenta flexibilidade. Por fim, temos a não-estruturada que se apresenta com uma vasta liberdade para a formulação das perguntas, podendo ter intervenção do entrevistado (FUJISAWA, 2000).

A partir do exposto, foi adotado nesse trabalho a técnica da entrevista semi-estruturada, que consiste na possibilidade que o entrevistador tem de dissertar sobre as experiências de acordo com o pressuposto principal da pesquisa, ao mesmo tempo em que permite respostas flexíveis por parte do entrevistado. Além disso, ao construir o roteiro o entrevistador leva em conta o embasamento teórico para elaboração das perguntas norteadoras do trabalho (TRIVIÑOS, 2009).

Para Alves-Mazzotti e Gwandsznajder (2004) é preciso que nas entrevistas semiestruturadas exista um roteiro prévio com perguntas específicas, no entanto ao decorrer da entrevista, poderão surgir novas perguntas. Dessa forma, para o processo de elaboração dos questionamentos, precisamos estar atentos e reflexivos a respeito do que queremos saber, como faremos as perguntas e se essas correspondem ao grupo entrevistado. Este roteiro passa pelo

processo de avaliação por meio da aplicação e avaliação do piloto. Nesse sentido, o entrevistador precisa estar atento para direcionar a discussão para as questões que lhe interessa, acrescentando perguntas adicionais para esclarecer questões que possam ter ficado subentendidas, a fim de alcançar os objetivos propostos na pesquisa. Esse processo foi validado por três juízas, também estudantes de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe. O papel das juízas foi observar a coerências das categorias com as temáticas exclusivas do *corpus*.

É importante ressaltar que a técnica de entrevista semiestruturada apresenta como vantagem uma elasticidade em relação ao seu tempo de duração, o que acaba permitindo ser feita uma cobertura maior a respeito de alguns assuntos. Além disso, é de suma importância que seja estabelecido uma interação entre entrevistador e entrevistado, isso fará com que as respostas sejam fluídas e espontâneas. Ademais, quanto menos estiver estruturado o roteiro, maior poderá ser sua riqueza de informações favorecendo uma troca afetiva entre as partes. Nesse sentido, esse tipo de entrevista colabora em grau significativo nas pesquisas que norteiam os aspectos afetivos que determinam significados pessoais de cada indivíduo (BONI; QUARESMA, 2005).

Ressaltamos que as entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas por meio de um gravador de voz em local reservado.

2.4. Acesso às participantes

Essa pesquisa contou com a participação de oito mulheres veganas estudantes de graduação da Universidade Federal de Sergipe, *campus* Professor José Aloisio de Campos, situada em São Cristóvão/Sergipe.

O acesso às participantes consistiu em três fases, a primeira foi desenvolvida através da técnica de bola de neve, uma técnica utilizada para o recrutamento das participantes que consiste em uma forma de coleta, que emprega cadeias de referência. Ou seja, por meio dessa técnica específica não é possível determinar qual a probabilidade para a seleção de cada participante na pesquisa, no entanto ela torna-se útil quando vamos estudar grupos definidos como de difícil acesso.

Para o início da técnica da bola de neve foi preciso entender como ela se constrói. A princípio, exploramos os documentos e/ou informantes-chaves, denominados de sementes, cujo o objetivo é localizar pessoas com o perfil proposto pela pesquisa. Assim, as sementes auxiliam o pesquisador a iniciar seus contatos e a explorar o grupo a ser pesquisado. Em seguida, foi solicitado as pessoas que foram indicadas pelas sementes que nos indiquem novos contatos que correspondam as características da pesquisa, e assim sucessivamente. (VINUTO, 2016).

Ademais, podemos citar como uma das vantagens de utilizar cadeias de referência, é que em redes sociais vistas como complexas, é mais acessível um membro do grupo conhecer o outro, do que o pesquisador os identificar tornando-se um fator de suma importância para pesquisas sociais e específicas (ALBUQUERQUE, 2009).

Essa técnica é empregada principalmente para finalidades exploratórias, frequentemente com três objetivos:

- 1- Desejo de compreender melhor sobre uma temática;
- 2- Testar se há viabilidade para realização de um estudo de cunho mais amplo;
- 3- Desenvolver os métodos a serem empregados nos estudos ou fases subsequentes propostas pela pesquisa;

Desse modo, a técnica da bola de neve não pode ser entendida como método autônomo, no qual a partir do instante em que as sementes indicam nomes dos possíveis entrevistados, a rede de participantes expande por si mesma. Esse fato não ocorre pelos mais variados motivos, um deles é a questão das pessoas entrevistadas não serem solicitadas ao acaso, mas sim a partir do objetivo e características específicas que devem ser verificadas a cada momento do estudo (VINUTO, 2016).

Durante as entrevistas, foi explicado o objetivo da pesquisa à todas as participantes individualmente e em local reservado e esclarecidas as dúvidas pertinentes ao estudo. Após tais procedimentos, a pesquisadora solicitou a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B). Em seguida foi realizada a entrevista, cujo roteiro foi apresentado neste trabalho como Apêndice C. É importante ressaltar que a realização das oito entrevistas foi orientada por critérios de saturação do discurso. Esse ponto de saturação foi alcançado quando os entrevistados passaram a repetir os discursos já obtidos pelas entrevistas anteriores, não acrescentando novas questões que fossem relevantes para a pesquisa.

A amostragem por saturação é usada como uma ferramenta para fechar ou estabelecer o tamanho final do resultado da pesquisa, de modo que sejam interrompidas a captação de novos participantes para que não haja repetição ou redundância das respostas. Também são observados os seguintes critérios: a integração dos resultados com a proposta teórica, os limites empíricos dos resultados e a profundidade e sensibilidade de quem está analisando os resultados (FONTANELLA; RICAS, 2008).

Diante desse aspecto é necessário avaliarmos custos e benefícios desta pesquisa. Considerando os aspectos do processo de coleta de dados a partir de entrevistas, que focam em aspectos emocionais, podem ser apontados alguns incômodos ou outros transtornos aos sujeitos como o fato do entrevistado sentir-se constrangido com alguma pergunta ou até mesmo possa

reter a informação com receio da veracidade de seu anonimato. Mas cabe ressaltar que os benefícios dessa pesquisa serão, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos e superam esse possível entrave, contudo, para evitá-lo, prezamos por um trabalho ético, responsável e objetivo.

2.4.1. Caracterização das participantes

A caracterização feita por meio de perguntas durante a entrevista resultou na construção de um quadro que descreve: (P), que significa participante, a numeração indica a ordem da entrevista, que vem acompanhado do nome fictício. Além de descrever a idade e a quantitativo de anos e/ou meses que são veganas.

Quadro 1: Caracterização das participantes

Participantes da pesquisa	Idade	Tempo como Vegana
P. 1. Ana	29 anos	12 anos
P.2. Liz	24 anos	8 anos
P.3. Luna	19 anos	5 anos
P.4. Mel	20 anos	5 anos
P.5. Cris	21 anos	1 ano
P.6. Bia	19 anos	3 anos
P.7. Carol	23 anos	7 anos
P.8. Luz	26 anos	7 anos

A participante Ana tem 29 anos, sendo vegana desde os 17 anos. É uma estudante de opiniões e personalidade forte. Desde criança pratica o ativismo expondo suas opiniões e renúncias, além de sempre estar em busca de conhecimentos acerca do veganismo. Para ela, este pode ser entendido como uma filosofia de vida, sendo um processo de conscientização do ser humano para com os outros seres.

A participante Liz tem 24 anos, sendo vegana há 8 anos e informou ser do interior de Sergipe. Mesmo com características ativistas, ela se descreve como alguém que busca apenas como ser consciente. Teve uma infância e adolescência simples, rodeada de animais e de muitas árvores, porém agora na fase adulta informou ser bem diferente, pois não reside mais na mesma

casa e devido a correria do dia a dia, entre trabalho e as aulas da universidade, acabaram se tornando fatores de distanciamentos entre ela e a natureza.

A participante Luna tem 19 anos, sendo vegana desde os 14 anos. Ela se considera uma pessoa que sempre busca pela melhoria dos outros seres desde criança. Para ela, o veganismo é uma busca pela empatia dos animais e os direitos deles; tudo que está em sua volta foi motivo para que ela repensasse o seu modo de vida.

A participante Mel tem 20 anos, sendo vegana há 5 anos. Relatou que desde pequena tem uma relação muito próxima com a natureza, e é o que a faz se sentir conectada com a vida, tanto o amor pela natureza, quanto pelos animais é algo que ela sente desde a infância. Para a estudante, ser vegana é ser consciente com si mesma e com os outros animais não humanos. Além disso ressaltou a importância de procurar informação, pois para ela quanto mais pessoas souberem a causa do veganismo, mais animais poderão ser salvos; no entanto, segundo ela, é necessário saber como realmente se alimentar, para não adoecer. Com isso, podemos perceber que ela possui cautela em relação a saúde.

A participante Cris tem 21 anos, sendo vegana há 1. Ela ainda está em processo de construção, mas considera o maior nível de empatia e sensibilidade humana. Acredita que o ensino de Biologia é uma grande oportunidade de educação e conscientização de alunos e professores, pois está totalmente interligado com as ideias do veganismo, já que ao mesmo tempo que apresenta o que é a natureza e os animais, qual o papel deles, etc, conseqüentemente mostra a sua importância para todos nós.

A participante Bia tem 19 anos e 3 anos que é vegana. Para ela o veganismo é um processo de (des)construção do ser, do qual você precisa passar por vários processos e respeitar o seu tempo, pois “ninguém acorda num belo dia e decide ser vegano”. Citando o exemplo dela, que explicou sempre estar pesquisando e aprendendo mais sobre o assunto. Em relação ao ensino de Biologia com contribuições ecofeministas, ela relatou que seria uma alternativa para um ensino com maior afeto, inclusive informou que a irmã dela tem uma professora de Ciências que entrou nesse assunto na sala e explicou para eles sobre o veganismo, sobre afetividade e sobre a natureza.

A participante Carol tem 23 anos e 7 anos de vegana. Segundo ela, nós mulheres somos mais próximas da natureza e por isso tendemos a ter mais empatia por ela, no entanto, acrescentou também, haver homens veganos, apesar de serem poucos.

A participante Luz tem 26 anos, é vegana há 7 anos. Ela explicou que a sua rotina é um pouco agitada, mas tenta ao máximo manter sua alimentação saudável e consciente, além de passar informações sobre o veganismo para outras pessoas. De acordo com ela, o veganismo é

viver como os outros animais, mesmo sendo racional. E ainda exclamou: “[...] eu não colaboro com essa parte da sociedade que mata os outros animais não humanos, só por se sentirem superior a eles”.

2.5. Tipo de Análise

A interpretação dos dados foi feita com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), a qual apresenta o processo da entrevista como um método de investigação específico. De modo que, é realizada a análise do comportamento do entrevistado durante a entrevista, bem como suas respostas. A análise realizada através da decifração estrutural, consiste num processo centrado em cada entrevista, especificando sua dinâmica pessoal. Nesse método, é necessário fazer a observação das repetições das temáticas que são expostas durante a entrevista, visando obter o maior número de informações. Bardin (2011) determina três etapas de trabalho para o estudo bibliográfico:

- 1- A pré-análise;
- 2- A exploração do material coletado;
- 3- O tratamento das informações obtidas, a inferência e a interpretação.

A pré-análise consistiu na fase inicial de organização da AC a qual teve por objetivo sistematizar todos os resultados obtidos para que o analista tenha domínio de conduzir as próximas etapas. Assim, de modo geral, a missão desta fase inicial foi muito mais do que apenas a escolha daquilo que foi ser analisado, sim também formular hipóteses para que sejam elaborados indicadores para as interpretações finais (BARDIN, 2011).

A exploração do material coletado consistiu na segunda fase que objetivou explorar os resultados para definir as categorias, a identificação das unidades de registro e das unidades de contexto existentes nos documentos. Vale ressaltar que, a exploração do material é umas das etapas mais importante, pois é ela que irá possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências. Essa fase pode ser descrita como a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao *corpus* (qualquer material textual coletado) dos resultados, que serão submetidos a um estudo mais aprofundado, que por sua vez será orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos que embasam toda a pesquisa. Nessa esfera, a codificação, a classificação e a categorização são elementos básicos nesta fase (Bardin, 2011).

A terceira fase da AC de Bardin, se baseou no tratamento, inferência sobre os resultados. Nessa etapa que aconteceu a condensação e foram destacadas as informações para a análise, culminando nas interpretações inferenciais. Esse é a etapa da intuição, de uma análise profunda, reflexiva e crítica (Bardin, 2011).

Consideramos que a obra de Laurence Bardin (2011) possuiu relevância para realizarmos a análise do conteúdo que será discutida no próximo capítulo, pois apresenta uma ancoragem consistente no rigor metodológico, possuindo uma organização que é propícia para que seja compreendido em termos profundos o método. Além de trazer para nós pesquisadores um percurso multifacetado produzindo sentidos e significados na diversidade de conhecimentos que constitui o universo acadêmico.

CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste terceiro capítulo foram percorridos os resultados obtidos por meio das falas das entrevistadas, bem como suas discussões pertinentes, a fim de que sejam apresentados os possíveis caminhos para traçar aproximações com o ensino de Biologia.

A duração das entrevistas permaneceu em torno de 20 a 50 minutos, a qual foi respeitado o tempo de resposta de cada participante e levada em conta a disposição para responder os questionamentos propostos, bem como suas facilidades e dificuldades para articular seus pensamentos. Após a leitura flutuante, realizada na pré-análise, foi feita a separação dos relatos que consistem na fragmentação dos elementos chaves das falas das participantes.

Cada temática revelou fatores importantes que nos auxiliou no processo de construção de duas categorias centrais preestabelecidas que refletem sobre as concepções das entrevistadas sobre os elementos ecofeministas e o ensino de Biologia, como podemos ver logo abaixo (Quadro 2).

Foram elas:

- Indicadores Ecofeministas
- Alteridade e Hierarquização entre animais humanos e não humanos
- Veganismo e o ensino de Biologia

É importante ressaltar que os temas foram organizados de forma exclusiva, ou seja, cada trecho de fala foi utilizado apenas em uma categoria.

Quadro 2: Representações das categorias preestabelecidas e indicadores das falas das estudantes entrevistadas N=104.

Categorias	Indicadores/Descrições	Exemplos: Unidades de Contexto
Indicadores ecofeministas (38)	Sexismo (6), Especismo (5), Dualismo homem/mulher (3), Dualismo humanidade/natureza (3), Ativismo (9), Opressão dos pais (5), Opressão da sociedade (3), Opressão cultural (4), Consciência (5), Igualdade (6), Natureza como energia e	[...] então eu tive que desde cedo é... de certa forma impor a minha vontade, mas sem feri-los [os pais] de certa forma e, ao mesmo tempo porque eu era conduzida por ser menor, sempre fui conduzida. Mas tinha coisas que eu colocava: Não vou comer e pronto! [...]

	refúgio (4), Preconceitos (4), Superioridade (9)	[...] eu sempre fui uma criança de opiniões fortes, e de uma visão feminista [...] [...] ser vegana é ser consciente com si próprio e com os outros animais não humanos [...] [...] sem contar que o ser humano também se sente bem mais superior a todos estes animais [...]
Afeto e ensino de Biologia (38)	Construção (17), Veganismo (11), Empatia e natureza (10).	[...] Acredito que seria uma alternativa para um ensino com maior afeto [...] [...] uma alternativa para termos um ensino com mais empatia, não só com os animais não humanos e a natureza, mas com todos os seres vivos [...]

A categoria indicadores Ecofeministas resultou em 66 trechos de falas compostas por 13 unidades de sentido, sendo uma das mais expressivas que foram descritas como: sexismo (uma das unidades mais encontrada nas falas do grupo), especismo, dualismo homem/mulher, dualismo homem/natureza, opressão dos pais, opressão da sociedade, opressão cultural, a unidade mais representativa foi o ativismo contra os mais diversos tipos de opressões que estão relacionadas a luta que essas participantes apresentaram desde cedo, consciência, igualdade, natureza como energia e refúgio, preconceitos, superioridade. Essas unidades revelaram como elas enxergam o outro ser animal sendo igual ao animal humano, bem como a resistência que essas mulheres apresentam em expor a hierarquização que insiste em existir nos dias atuais. Pois para elas, o patriarcado se encontra no topo desse sistema hierárquico tentando ser superior a mulher e a natureza em geral.

A categoria Veganismo e o ensino de Biologia voltou-se a analisar e interpretar os relatos que mais evidenciaram a filosofia de vida do veganismo interligando com o ensino de

Biologia apresentado nas escolas. Essa categoria foi composta por 38 falas, resultando em 4 unidades de sentidos que foram: Construção do ser (a mais expressiva com 17 falas), veganismo e a relação entre empatia e natureza.

A seguir serão discorridos, por meio das categorias e subcategorias construídas, alguns relatos na tentativa de apresentar as temáticas que surgiram por meio dos indicadores e descrições.

3.1. Categoria: Indicadores Ecofeministas

A primeira categoria denominada “Indicadores Ecofeministas” foi dividida em três subcategorias apresentadas como:

- Comportamentos sexistas e especistas na sociedade
- Relatos entre alteridade e hierarquização
- Ativismo contra a opressão

Essas subcategorias emergiram através das falas das entrevistadas devido a forma como elas descreveram suas vivências tanto na infância, quanto agora na vida adulta. É importante ressaltar que as temáticas “dualismo entre homem/mulher e dualismo entre homem/natureza” serão apresentadas também nessas duas subcategorias.

Os indicadores ecofeministas evidenciados nas falas das mulheres versaram em confirmar temáticas que são discutidas no ecofeminismo e, conseqüentemente, apresentadas aqui neste trabalho. Temáticas essas que reforçam preconceitos e comportamentos tidos na sociedade, como por exemplo a discriminação sofrida pelas pessoas que se tornaram veganas. Como podemos perceber nos seguintes relatos:

[...] Infelizmente a pergunta que mais escuto é: Como é que você consegue viver sem carne? Eu respondo: Como é que você vive com carne? Porque você está colocando na mesa um animal que também sofre pra morrer [...] (LUZ, 26 ANOS)

[...] eu sempre fui uma criança de opiniões fortes, e de uma visão feminista, digamos assim, não 100% porque eu nem sabia o que era isso, mas eu tenho um irmão mais velho que eu e a criação sempre foi: Acorda, a mim né, logo cedo para arrumar a casa, enquanto meu irmão? Deixe seu irmão dormindo... Eu nunca aceitei essa visão machista das coisas, de valorizar mais um sexo do que o outro. É... eu comecei a questionar... Por que você me chama, mas não chama ele? Ah, porque ele é homem, ele não precisa fazer isso [...] (ANA, 29 ANOS)

Acima podemos ver que dentre os indicadores ecofeministas temos a presença do sexismo, do especismo, do ativismo pela luta feminista e da opressão que algumas delas sofreram com pais. Quanto ao modo que elas se expressam, podemos interpelar que desde a infância se constituiu uma visão ecofeminista, mesmo não sendo utilizados nesses termos. Ao pensar a forma como foi estruturada em nossa cultura, a qual desde quando nascemos somos

ensinados como se comportar, o que devemos comer, vestir e brincar, entendemos que a construção pelo ativismo contra as mais diversas formas de opressões passa por todas essas esferas.

Nesse sentido, é preciso entender a princípio que os indicadores ecofeministas apresentam um modelo ecofeminista de forma crítica, agindo como reflexão de autoconsciência como espécie e também como indivíduo, para seja possível reconhecer todos os dualismos existentes na sociedade e assim poder acabar com os elementos hierárquicos de gênero, classe, espécie, entre outros.

3.1.1. Comportamentos sexistas e especistas na sociedade

As relações humanas existentes refletem vários aspectos advindos de nossa cultura, tais reflexos podem ser interpretados como positivos e negativos, no entanto, nesta subcategoria os comportamentos interpretados pelas falas das participantes versaram sobre sexismo e especismo. Na contemporaneidade, muito se fala da necessidade de igualdade e de direito, porém que direitos são esses? Aquele que valoriza um gênero e menospreza o outro ou aquele que exalta uma espécie e diminui a outra? Precisamos refletir sobre o quão sexistas e especistas podemos ser ao (re)produzir sem ao menos perceber que também estamos colaborando com esses estereótipos.

Por meio das falas é possível ver que a humanidade repita comportamentos sexistas e especistas sem ao menos se dar conta da (re)produção de preconceitos, pois são levados por aquilo que o machismo apresenta. Contudo, é necessário saber que são formas discriminatórias sem ao menos uma justificativa plausível. Nesse sentido, uma tentativa para diminuir essa perpetuação seria entender quando são apresentados esses comportamentos para não transmití-los no meio social. Nesse contexto, podemos entender que, para as estudantes, os indicadores ecofeministas possuem uma relação intrínseca do gênero feminino com os animais colocando-os em um patamar inferior através daquilo que o patriarcado sempre mostrou ao longo dos anos.

[...] Acredito que as mulheres tem uma relação mais próxima com a natureza que os homens, talvez por afetividade ou por ser colocada como inferior diante dos homens. O Patriarcado sempre nos apresentou o homem no topo do ego, mas não é assim que deve ser [...] (LIZ, 24 ANOS)

[...] Os homens ainda estão naquela fase de serem superiores a tudo e a todos, principalmente a nós. Para eles e uma parte da sociedade eles são mais fortes e nós mais frágeis, digo uma parte da sociedade porque infelizmente também tem mulheres que pensam como eles [...] (CAROL, 23 ANOS).

Ao observar esse segundo fragmento que mostra, nas palavras da entrevistada, o homem como superior, entendemos que esse “superior a tudo e todos” envolve a natureza e os

outros animais não humanos. Nesse sentido, evidenciamos a relação que existe entre o sexismo e o especismo, duas causas que reivindicam direitos semelhantes e que são tratadas com menos importância em meio aos discursos na sociedade.

Ao tentar explicar discursos especistas, as participantes relataram o modo como a cultura ocidental apresenta em meio a sociedade diferentes formas de preconceitos criados ao longo dos tempos. De forma que existe a humanidade criou uma diferenciação até mesmo entre os animais não humanos, especificando que existem os animais para consumo e existem os animais domésticos. Porém, de acordo com os relatos, não há diferenciação. Como podemos ver no fragmento abaixo:

[...] as pessoas não entendem a diferença ou melhor dizendo a igualdade que tem entre um cachorro e um boi, um porco e gato ou um passarinho, dentro dos animais não humanos eles separam as espécies. Há falta de consciência nesse processo de entender que o animal que você aceita cuidar é igual ao que você coloca no prato para comer que não existe diferença [...] (ANA, 29 ANOS).

De acordo com o fragmento, esse processo é descrito como uma falta de conscientização apresentada pelo comportamento humano que determina e rotula modos de ser, pensar e agir em meio a sociedade. De modo que passa a tratar esses comportamentos como enraizados em nossa sociedade sem ao menos perceber os incontáveis números de consequências negativas que possam acontecer.

3.1.2. Relatos entre alteridade e hierarquização

Essa subcategoria visa apresentar, por meio de alguns recortes dos relatos, o reconhecimento que estas estudantes apresentam pelos os animais não humanos, buscando, nas palavras delas, mostrar que é preciso pensar um ser como um dependente do outro. Além de deixar evidente, o sistema de hierarquização que existe sob o controle do patriarcado até nos dias atuais.

Dentre os tipos de hierarquização vistos na sociedade, aqui focaremos nos exemplos presentes nas falas das participantes o que se constitui com alta representatividade para nossa pesquisa.

[...] os que não são veganos sempre se acham superiores, principalmente os homens [...] (BIA, 19 ANOS).

[...] tem muito mais mulheres veganas do que homens veganos, então nesse processo realmente a gente percebe que as mulheres tem um pouco mais de sensibilidade em perceber de que o animal não é uma coisa e ainda tá enraizado muito na cultura a questão machista que o homem tem que comer isso, que o homem tem que comer carne, precisa da carne do cadáver para poder ficar forte para ter proteína [...] (ANA, 29 ANOS).

[...] é mais comum mulheres veganas do que homens, porque tem aquela questão da masculinidade, né? Homens comem carne para ser mais fortes [...] (LUNA, 19 ANOS).

As entrevistadas apontam um cenário no qual construímos uma hierarquia entre espécies com as quais nos relacionamos afetivamente e outras das quais nos alimentamos. Estaríamos no topo dessa hierarquia e a dominação das demais espécies se mostraria como uma manifestação de força, especialmente para os homens de nossa espécie.

Nessa esfera, propomos que no ensino de Biologia também se apresente como palco de discussões sobre os processos de alterização que reforçam à exclusão dos direitos morais dos animais não humanos, considerando-os como se fossem diferentes. Assim, alteridade pode ser definida como uma consequência naturalizada do indivíduo em relação as suas vivências e costumes construído culturalmente em meio a sociedade (VIEIRA, 2011).

Na subcategoria 3.1.3 seguinte, foi discutido com maior ênfase essa necessidade mostrando um ecofeminismo atento às mulheres e aos animais sem distinção, permitindo uma confluência entre natureza, humanidade, gênero, cultura e a Ciência.

3.1.3. Ativismo contra a opressão

Essa subcategoria apresenta a luta que as mulheres vêm enfrentando dia após dia, na busca pela igualdade de direitos e na luta pelo combate às opressões decorrentes do patriarcado que é disseminado na sociedade. Para isso, elas propõem um ativismo que vai além apenas de defender uma causa pelos animais, elas se desconstruíram para se reconstruírem como mulher que luta pela vida de todas as espécies e protege a natureza. Com capacidade crítica, poder argumentativo e abertas para debates, as mulheres sabem ouvir e calar respeitando a opinião divergente. No entanto, sempre deixam claro seu ponto de vista, como podemos ver:

[...]Buscava sempre de alguma forma colocar em prática os ensinamentos sobre preservação, poluição, etc... E quanto mais eu crescia, mais me chateava em ver/saber que os animais e o meio ambiente sofriam injustiças. Na época do ensino médio acabei fazendo um curso técnico em meio ambiente e então ficou bem mais claro e maduro o conhecimento sobre a necessidade de preservação da natureza [...] (CRIS, 21 ANOS).

[...] Ao meu ver, as pessoas que não comem carne procuram o bem-estar e o direito dos animais. Já os que se alimentam apenas procuram forma de alimentar seu desejo e comodismo [...] (LUNA, 19 ANOS).

Nota-se que há uma preocupação pelos direitos dos animais, direitos esses que são camuflados em meio a sociedade. Esse tema é cercado na sociedade com preconceitos e informações distorcidas o que leva por vezes não ser visto com maior seriedade, porém é imprescindível entender que a relação entre humanidade e natureza está no meio assunto.

Ademais, esse processo passa por diferentes tipos de influências, sejam elas do meio em que se vive na sociedade, cultural e até mesmo midiática como podemos evidenciar a seguir:

[...] As pessoas só sabem que hoje em dia está muito mais visível por conta dos artistas e da mídia, como é o caso da Xuxa ter se tornado vegana, não sei se por moda ou por consciência, sei que essa visibilidade leva as pessoas procurarem saber e se informar mais sobre essa causa. Animal não é comida, em nenhum momento [...] (ANA, 29 ANOS).

[...] Se existe influência, ainda parece ser mais negativa que positiva. O foco da mídia geralmente é mais voltado para a economia, para agronegócio, e coisas que na verdade são contrárias às ideias do veganismo, pois a preocupação maior é sempre a economia, o lucro, sem olhar para as consequências [...] (CRIS, 21 ANOS).

[...]há conteúdo existente sobre esse assunto que facilita pessoas a se tornarem ou saberem notícias, também há o compartilhamento de informações [...] (LUNA, 19 ANOS).

Nota-se que para elas existem dois tipos de influências: a positiva e negativa. Onde a positiva pode ser entendida como a influência que passa informações no sentido de conscientizar, de informar e mostrar a verdadeira causa do veganismo. Por outro lado, se apresenta a influência negativa a qual foca na economia e em exaltar o consumo da carne, fator esse que acaba aumentando a hierarquia entre humanos e não humanos, como veremos na próxima categoria.

3.2. Categoria: Questões afetivas entre o veganismo e o ensino de Biologia

É importante ressaltarmos que as estudantes descreveram como começaram o seu processo de construção pessoal e social e como suas vivências da infância, adolescência e agora na vida adulta influenciam nas suas tomadas de decisões. Fator esse que foi constado em todas as entrevistadas, as quais tiveram contato com a natureza e os animais não humanos para posteriormente desenvolverem empatia a ponto de deixarem de se alimentarem da carne deles.

[...] Na minha vida eu sempre busco um pouco de cada coisa, tento estudar, trabalhar e viver tudo equilibrado é melhor para minha saúde mental [...] (MEL, 20 ANOS).

[...] desde minha infância que sempre tive uma afeição principalmente por animais (de todas as espécies). Os cuidados com a natureza também foram surgindo com os ensinamentos de casa e da escola, e desde pequena que eu já entendia a importância daquilo [...] (CRIS, 21 ANOS).

A partir dos recortes acima, podemos interpretar que o veganismo significa uma conscientização ligada ao amadurecimento e ao afeto do ser humano para com os outros animais. Processo esse que podemos descrever como a capacidade de ter empatia pelo outro ser vivo, ou seja, sentir como se estivesse passando pela mesma situação. Consistindo na busca de compreender o outro através de emoções e sentimentos.

[...] o veganismo é uma filosofia de vida que engloba a razão de você não usar nada de origem animal [...] (ANA, 29 ANOS).

[...] Eu ainda estou em processo de construção, mas considero o maior nível de empatia e sensibilidade humana [...] (CRIS, 21 ANOS).

[...] Pra mim humanos que não comem carne tem mais afeto e empatia com a natureza e os outros animais, somos pessoas que se preocupam com o meio em que vivemos e que desenvolvemos a consciência de sabermos que somos todos animais e não estamos em sua escala superior aos animais não humanos [...] (LIZ, 24 ANOS)

Em relação ao ensino de Biologia, os relatos descreveram como acontecia as suas aulas no ensino médio e também o alívio pelo fato de não ter laboratório na escola para que fossem realizadas aulas práticas. Ressaltando o desejo das aulas dos dias atuais já estarem sendo desenvolvidas de maneira mais afetiva, nessa esfera denotamos a importância de se trabalhar tal temática em sala de aula. Como podemos ler nos fragmentos descritos abaixo:

[...] espero que o ensino de Biologia esteja mais afetivo e mais consciente para o ser animal não humano. Que seja um ensino mais ecológico e mais feminino, que ensine que temos uma fauna e uma flora que precisam ser preservadas. Os professores precisam ensinar e sensibilizar-se que não precisamos matar nem torturar para se ter informações e conhecimentos. Existem simuladores na tecnologia que possam ser utilizados para obter conhecimento, porque o animal não é um objeto. Que sempre procuramos buscar pela empatia dos animais e direitos [...] (ANA, 29 ANOS).

[...] Acredito que esse ensino é uma grande oportunidade de educação e conscientização de alunos e professores. É um ensino que está totalmente interligado com as ideias do veganismo, já que ao mesmo tempo que apresenta o que é a natureza e os animais, qual o papel deles, etc, conseqüentemente mostra a sua importância para todos nós [...] (CRIS, 21 ANOS)

Nesse terceiro fragmento também podemos observar, o que é chamado por uma participante de ensino voltado à conscientização, o qual estaria interligando a Biologia com o veganismo através da perspectiva ecofeminista. Porém, qual ensino seria esse? Um ensino com mais empatia? De que forma nós professores poderíamos trazer essa abordagem para dentro da sala de aula? Nesse próximo tópico que traz algumas discussões pertinentes mediante os resultados, tentaremos elucidar alguns desses questionamentos.

3.3. Discussões pertinentes

Como as mulheres veganas estudantes desenvolvem empatia em relação a natureza e aos animais não humanos? E quais as possíveis contribuições desses conhecimentos para o ensino de Biologia? Antes de iniciarmos algumas discussões necessárias para essa pesquisa, entendemos que é necessário voltarmos a nossa questão central, para que possamos entender como os resultados alcançadas se interligam com as propostas de alguns autores.

Para Torres (2009), a relação com a natureza pode ser entendida como um processo de (des)construção que ultrapassa o que entendemos como as dicotomias existentes na natureza e nos revelam que ao pensarmos na vida, precisamos pensar na humanidade que está inserida nela. Bem como também nas relações que norteiam humanos e não humanos para entendermos

além de como nos relacionamos com a natureza, para como nos relacionamos na natureza. Fator esse encontrado nos relatos das estudantes, ao se referirem aos seus contatos com a natureza e como vemos num recorte da fala de Cris (26 anos):

[...] Os cuidados com a natureza também foram surgindo com os ensinamentos de casa e da escola, e desde pequena que eu já entendia a importância daquilo [...]

Notamos também nesse fragmento elementos ecofeministas, e ao tentar interpreta-los precisamos entender que de acordo com Arteaga, et al. (2015) as práticas e os discursos científicos levam as produções que foram inseridas na cultura a participarem de alguns processos de alterização, só que neste caso, uma alterização científica. A terminologia “alterização” referencia processos culturais que estabelecem um padrão em determinada sociedade (ARTEAGA et al., 2015). É por meio desse padrão que são evidenciados os discursos de hierarquizações de grupos de animais humanos e não humanos em escalas de inferioridade e superioridade segregando aqueles que são considerados como inferiores. A participante Ana (29 anos) ressaltou em sua entrevista esse processo, como podemos observar:

[...] as mulheres tem um pouco mais de sensibilidade em perceber de que o animal não é uma coisa e ainda tá enraizado muito na cultura a questão machista que o homem tem que comer isso, que o homem tem que comer carne [...]

Nesse sentido, alguns cuidados são necessários ao abordar os processos de alterização de gênero, classe e opressão como foi possível evidenciar nas falas das estudantes. São eles: ter atenção ao utilizar determinada linguagem no discurso, para que não sejam reforçados os estereótipos que existem na sociedade como por exemplo: se referir aos marcadores de identidades em conjunto, não isoladamente; entender que também há a alterização negativa (apresentada no recorte acima) e que esta é uma problemática ampla para todos os animais; propiciar a constatação das diferentes disposições que o sexismo e o especismo assumem em diversos contextos históricos (PAIVA, 2019).

Dessa forma, ao assimilar o conceito de alteridade e de seus processos, estes estão fundamentados em valores, práticas e discursos que acometem o cotidiano. A inferiorização daqueles que são vistos como diferentes no parâmetro em que é imposta uma identidade como sendo o padrão, e todo aquele que fugir será considerado como desproporcional (SILVA, 2000). Cada vez que a diferença entre homem e mulher passa a ser além da diferença sexual para a desigualdade hierárquica, apresenta-se as mais diversas formas de opressões e os privilégios de direitos. Uma alternativa para diminuir esses casos de sexismo através de habilidades que auxiliam no entendimento da perspectiva do outro, neste caso como foi visto nas falas das estudantes, o que pode ser denominado como empatia (MURTA, DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013).

Independentemente da alterização ser vista em análises de grupos de animais humanos, também pode ser observado entre estes, os animais não humanos a partir do seguimento de hierarquizações, o qual a humanidade se sente superior as outras espécies, voltando a ser entendida como uma alterização negativa. Fator esse que evidenciamos nas falas das participantes, principalmente na fala da Bia (19 anos) ao descrever o marcador da cultura machista que está enraizada na sociedade. Para ela:

[...] os que não são veganos sempre se acham superiores, principalmente os homens
[...]

De acordo com Singer (2004), também existe o tipo de alterização que é denominado como especismo, que pode ser entendido como uma forma de (pre)conceito ou conduta que favorece uma espécie em detrimento de outra de forma autoritária. No entanto, antes de iniciar uma discussão a respeito do sexismo, precisamos apresentar a ideia de animais sencientes que consiste na capacidade de sentir sensações e emoções, tais como calor, frio, prazer, dor, fome, entre outras. Dessa forma, nos posicionamos neste trabalho que o animal não humano senciente também tem capacidade de estabelecer relações com seus pares, entender quando estar em perigo e possui a capacidade de interpretar uma informação (SANTOS; FONSECA, 2012).

O especismo, tratado pelas estudantes, mostra-se com uma atitude tendenciosa do homem, o macho alfa em favor da sua própria espécie. Por outro lado, também se tem o sexismo, que assim como o especismo são dependência em ser contra o gênero feminino e contra as outras espécies. Assim, Dutra (2008) apresenta que as mais variadas formas de especismo, se destaca o processo de criação dos animais para serem servidos como alimento e também a utilização destes dentro dos centros de pesquisas. Essas práticas causam o sofrimento animal e perpetuação da sua prática.

Nessa esfera, existe o que chamamos de hierarquia especista de modo opressor, que passa da denominação de animais sencientes para apenas “referenciais ausentes” como descreve Adams (1990). Para a ecofeminista, referenciais ausentes são descritos como sujeitos os quais são extraídos o seu sentido original por estar inserido em uma categoria diferenciada de significação (ADAMS, 1990). O referencial ausente descrito acima pode ser interpretado na resposta da entrevistada Ana (29 anos) ao deixar explícito que os humanos separam as espécies, vejamos:

[...] as pessoas não entendem a diferença ou melhor dizendo a igualdade que tem entre um cachorro e um boi, um porco e gato ou um passarinho, dentro dos animais não humanos eles separam as espécies [...]

De acordo com Adams (2012), o referencial ausente pode ser interpretado também como um cenário de entrelaçamento entre as mais variadas opressões entre as mulheres e os animais

não humanos, pois os animais passam a ser subjugados para o consumo e as mulheres inferiorizadas, pelo simples fato de serem mulheres. Nessa proposta, o sexismo é pautada pela ideia de seres vivos serem vistos como mercadorias que são manipulados pela cultura patriarcal. Em concordância, para a autora a luta feminista aborda tanto as relações entre homens e mulheres como “também uma ferramenta analítica que ajuda a expor a construção social das relações entre os seres humanos e os outros animais” (ADAMS, 2012, p. 19). Pensando em como traçar propostas em como expor os direitos que lhes são retirados.

Com isso, podemos interpretar, por meio das falas de algumas participantes, que existe uma falta de reconhecimento dos direitos dos animais não humanos que passam nas linhas ideológicas e socioculturais, o que tentam justificar, sacrificar um para o consumo da carne e o outro não. Faz parte da cultura do Ocidente o agir dessa maneira, a qual temos alguns animais como “companhia”, enquanto outros são submetidos as mais diversas formas de opressão e violência, sendo explorados e fragmentados nos processos industriais para satisfazer o cidadão (SANTOS, FONSECA, 2012).

A terminologia “Direito dos animais” nos leva a ideia que estes direitos são deferidos, porém o ordenamento jurídico ainda não dá esse reconhecimento aos animais, no entanto nos referimos a esse termo pensando na ética e na moral que precisamos ter com os seres vivos, assim como nós. Pois estes possuem o direito moral pela vida e a liberdade de viver e agir, deixando de ser explorados por nós seres (DUTRA, 2008). Assim sendo, é necessário a construção de uma nova relação entre nós seres animais humanos e os outros animais não humanos, para que possamos pensar, agir e, principalmente, sentir de maneira diferente a respeito deles.

Mas do que apenas defender a ideia que os animais tem direitos iguais, é preciso entender o nível de empatia que necessário para assim fazê-lo, pois eles são parte da sociedade e por isso são como os humanos. Assim como foi descrito nos relatos, este pode ser visto como um princípio da igualdade, a qual o sofrimento de todos os animais precisa ser considerado como semelhantes e, portanto, apresentam dor, medo e sendo senciente também apresentam um sistema nervoso (DUTRA, 2008). Para Fleuri, esse processo “[...] trata-se do desafio de se respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anulem, mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos” (FLEURI, 2003, p. 497).

Com base na ideia acima, é viável enunciar que o sentido de pertencimento, de hierarquizações e de opressões são (re)produzidos em meio a sociedade de acordo com as construções que são feitas culturalmente as quais resultam na forma como é imaginado o mundo

(ENNES; MARCON, 2014). Por outro lado, vemos nas entrevistas que há uma significativa presença do ativismo praticado pelas mulheres, como descreve Cris (21 anos):

[...] e quanto mais eu crescia, mais me chateava em ver/saber que os animais e o meio ambiente sofriam injustiças [...]

Ao trazer posicionamentos que evidenciam o ativismo presente na vida das participantes, bem como as participantes expressam as opressões vivenciadas. Podemos então, interpretar que essa luta pela ocupação de um espaço de igualdade vivencia barreiras que vão desde a opressão sofrida pelos pais, até as opressões sofridas culturalmente. Por isso, se faz necessário, discutir sobre o ativismo praticado por tantas mulheres que lutam em defesa dos direitos iguais e a preservação da natureza. Podendo ser claramente definida como feminina pois são passíveis do controle do patriarcado e dos cientistas que a controlam e a dominam. Com isso, o poder feminino e o da natureza precisam por meio dessas lutas serem libertados desse sistema e deixarem de sofrer condutas opressoras (SCHMIDT, 2012).

Dessa forma, não resta dúvidas que todos esses fatores, sistemas e processos estão inseridos no racionalismo filosófico que promove à sua maneira os dualismos existentes entre mente/corpo, sujeito/objeto, cultura/natureza, homem/mulher, humanidade/natureza que se alto determinam como sujeitos hierárquicos supostamente descritos pelo patriarcado. Claramente como um conjunto de discursos masculinos agindo como o superior e diferente principalmente ao feminino e aos demais animais (SCHMIDT, 2012).

Num contexto geral, este é o momento para extensivas discussões e palco de debate para contestações advindas, tendo como ponto de partida a Biologia como uma Ciência que faz parte da cultura e ensina sobre todas as espécies sem distinção (PEET, 1985). Fator esse que pode ser confirmado por meio do recorte na fala de Cris (21 anos):

[...] É um ensino que está totalmente interligado com as ideias do veganismo, já que ao mesmo tempo que apresenta o que é a natureza e os animais, qual o papel deles, etc, conseqüentemente mostra a sua importância para todos nós [...]

Nesse sentido, o feminino se caracteriza com maior empatia e afeto, fator esse que talvez esteja ligado à nossa cultura que descreve o ser masculino como mais forte e predador, elevando assim o índice do machismo em meio a sociedade. De fato, o crescimento econômico atual não poder ser visto como um processo neutro em relação ao gênero. Com isso, é notório perceber que existe uma ligação profunda entre o patriarcado e o capitalismo que ainda precisa ser estudada (BIANCHI, 2012).

Por fim, ao tentar desvelar os relatos das participantes e levando em consideração os seus processos de (des)construção, se faz necessário refletir sobre o que poderia ser denominado como uma alternativa para um ensino com mais empatia e afeto para com os animais e natureza por meio do veganismo. Essa filosofia de vida vem em face trazer uma proposta até então

ignorada pela sociedade, pregando a abolição de todas as formas de opressão. Até então, os animais humanos desconsideram os interesses dos animais não humanos, apresentando uma visão tida como arbitrária de que estes não tenham um tratamento que enxerguem seus interesses (BRÜGGER, 2009).

De acordo com Brügger (2004), as palavras possuem muito mais forma do que uma simples forma de expressão, o que acaba por vezes nos remetendo a essência do pensamento que origina o discurso. Como quando utilizamos expressões do tipo: Chamar alguém de burro porque não entendeu uma determinada questão, ou chamar de cachorro alguém que é visto como mau-caráter, entre outros. Terminologias como essas estereotipadas predominam a nossa sociedade fazendo oposição entre cultura e natureza e sociedade e natureza.

Para tanto, podemos reformar o pensamento, por exemplo, incluindo os animais não humanos com afetividade, uma vez que não existe uma fundamentação ética que seja a justificativa da separação nós (BRÜGGER, 2009). Nesse sentido, se faz necessário gerar discussões em sala sobre como está sendo passado o conteúdo a respeito dos outros animais, como estes se comportam entre suas espécies e o que tem a ensinar aos humanos, sem ser apenas o conhecimento científico advindo de pesquisas realizadas com os maus tratos desses não humanos. É preciso entender o que eles dizem sem ao menos falar com os racionais, sem se expressar como os humanos, mas com sensibilidade e afeto de quem apenas busca ser tratado como igual.

CONSIDERAÇÕES

A luz do campo afetivo, este estudo desvelou, por meio dos relatos de 8 estudantes da Universidade Federal de Sergipe, uma maior compreensão a respeito do ecofeminismo e suas esferas. Bem como ele está presente na sociedade e como ele poderá traçar contribuições para o ensino de Biologia dentro e fora da sala de aula.

Se considerarmos que o ensino de Biologia deva ser de modo abrangente, a qual passam as questões cognitivas e conceituais da Ciência que temos hoje, precisamos buscar formas que possam abranger os aspectos morais e as questões interpessoais, para que seja desenvolvido uma apreciação crítica dos discursos de alterização e das opressões nos impactos socioculturais que nos são apresentados.

Neste trabalho, não houve a intenção de gerar críticas, nem apresentar estereótipos ou promover o preconceito para aqueles que se alimentam de animais não humanos. Pelo contrário, apenas o fizemos no intuito de entender como se dá o processo de construção do veganismo e se esse processo teria elementos ecofeministas para que fosse possível traçar contribuições desse movimento para o ensino de Biologia, visto que este grupo lida em defesa das esferas ecológicas e dos animais.

Buscar entender indicadores ecofeministas nos relatos, trouxe a nós elementos que podem vez ou outra passar despercebidos no dia a dia dessas estudantes, como é o fato do trabalho e do estudo tornarem-se fatores de distanciamentos para o contato com a natureza. Por outro lado, foi possível constatar que algumas dessas estudantes buscam alternativas para tentar reverter essa situação, traçando proximidades até mesmo dentro da própria universidade para sentir a natureza. Pois algumas estudantes veganas atravessam o ecofeminismo para falar da Biologia, além de apresentarem que a consciência do sexismo reflete no especismo e vice-versa.

Diante dos resultados obtidos, ressaltamos que podemos traçar possíveis caminhos para o ensino de Biologia, pois foi possível identificar os indicadores dos elementos ecofeministas nas falas das estudantes veganas, bem como a pertinência e importância de debater as temáticas do sexismo e do especismo dentro e fora da sala de aula. Fator esse que nos levou a inquietações em relação ao combate as hierarquizações das dicotomias existentes, principalmente entre humanidade/natureza e homem/mulher.

A partir das falas também foi possível entender o processo de construção da relação afetiva de cada estudante em relação a natureza e aos animais não humanos, neste sentido conseguimos identificar possíveis contribuições da perspectiva ecofeminista para o ensino de

Biologia. Além de indicar a construção de cada uma delas, porém, esse debate ficará para trabalhos futuros devido aos prazos estabelecidos e o objetivo aqui proposto ter sido alcançado.

Todavia, ainda há muito a ser pesquisado e discutido nesse âmbito, visto que, essa temática ainda se encontra pouco trabalhada no ambiente de ensino. Local esse que precisa necessariamente agir como meio precursor na aprendizagem do estudante e aflorar neste o sentimento do afeto para com o outro ser, seja ele animal humano ou não humano, bem como a natureza de modo geral. Com isso, essa pesquisa apresenta sua relevância ao mostrar essa aproximação, além do interesse científico para outras pesquisas e aumentar o quantitativo de trabalhos com essa proposta

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, C. J. *The Sexual Politics of Meat*, Cambridge, Polity, 1990.

ADAMS, C. J. **A política sexual da carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina**. São paulo: Alaúde Editorial, 2012.

ALBRIGHT, K. M. “The extensions of legal rights to animals under a caring ethic: an ecofeminist exploration of Steven Wise’s Rattling the Cage”. **Natural Resources Journal**, Albuquerque, v. 42, n. 4, p. 915-937, 2002.

ALBUQUERQUE, E. M. de. **Avaliação da técnica de amostragem** “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p.

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

ALSOP, S. (Ed.). **Beyond Cartesian Dualism: Encountering Affect in the Teaching and Learning of Science**. Springer Science & Business Media, 2005.

ALSOP, S. Living with and learning about radioactivity: A comparative conceptual study. **International Journal of Science Education**, 23(4), 263–281, 2001.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método das ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

ARTEAGA, J. et al. Alterização, biologia humana e biomedicina. **Scientiae Studia**, v. 13, n. 3, p. 615-641, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, 2011.

BATESON, G. Os homens são como a planta: a metáfora e o universo do processo mental. In: THOMPSON, W.I. (org.). **Gaia: uma teoria do conhecimento**. Gaia Ltda, 2001.

BAUHARDT, C. Rethinking gender and nature from a material (ist) perspective: Feminist economics, queer ecologies and resource politics. **European Journal of Women's Studies**, v. 20, n. 4, p. 361-375, 2013.

BIANCHI, B. Introduzione – Ecofemminismo: il pensiero, I dibattiti, le prospettive. **Revista Deportate, Esuli, Profughe (DEP)**, n. 20, v. I-XXVI, Jul. 2012.

BIANCHI, B. Ecofeminist Thought and Practice. In: **3rd International Conference on Degrowth for Ecological and Sustainability and Social Equity**. p. 19-23. 2012.

BIEHL, J. **A mulher e a natureza: uma mística recorrente**, Le monde diplomatique, maio de 2011. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/a-mulher-e-a-natureza-uma-mistica-recorrente/>

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRÜGGER, P. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental. **Linhas Críticas**, v. 15, n. 29, p. 197-214, 2009.

CARMO, J. C. do et al. Voz da natureza e da mulher na Resex de Canavieiras-Bahia-Brasil: sustentabilidade ambiental e de gênero na perspectiva do ecofeminismo. **Rev. Estud. Fem. [online]**. 2016, vol.24, n.1, pp.155-180. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p155>.

CHASSOT, A. A ciência é masculina? É, sim senhora!.. **Revista Contexto & Educação**, v. 19, n. 71-72, p. 9-28, 2004.

CARVALHO, I. C. de M. A perspectiva das pedras: considerações sobre os novos materialismos e as epistemologias ecológicas. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 9, n. 1, p. 69-79, 2014.

CIOMMO D. C. R. **Ecofeminismo e Educação Ambiental**. São Paulo: Ed Cone Sul, Ed UNIUBE, 1999.

COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, 2013.

COSTA, M. C. da. Ainda somos poucas: exclusão e invisibilidade na ciência. **cadernos pagu**, n. 27, p. 455-459, 2006.

DELORS, J. **A educação para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed. (org.), 2005.

DIAS, T. L. P. “Os Princípios do Ecofeminismo”. 10p.<http://www.abolicionismoanimal.org.br/artigos/osprincipiosdoecofeminismo.pdf>

DUTRA, V. de S. A. **Animais, sujeitos de direito ou sujeitos-de-uma-vida?**. http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/anais/salvador/valeria_de_souza_arruda_dutra-2.pdf. Acesso em, v. 20, p. 06-10, 2008.

ENNES, M. A.; MARCON, F. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, v. 16, n. 35, p. 274-305, 2014.

FLEURI, R. M. Intercultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. Santa Catarina, n. 23, maio/jun./jul./ago, 2003.

FRASER, M. T. D; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, p. 17-27, 2008.

FOUREZ, G. **Crise no ensino de ciências?** Investigações em Ensino de Ciências – V8(2), pp. 109-123, 2003.

FUJISAWA, D. S. Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de criança: implicações na formação do fisioterapeuta. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

GAARD, G. C. Rumo ao ecofeminismo queer. **Revista Estudos Feminista**, vol.19, n.1, p.197-223, 2011.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2006

HEAD, J. **The affective constraints on learning**. In P. Adey, J. Bliss, J. Head, & M. Shayer (Eds.), *Adolescent development and school science*. London: Falmer Press, 1989.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, JR da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2, p. 157-62, 2006.

KELLER, E. F. **What impact, if any, has feminism had on science?** J. Biosci, vol. 29, nº1, março de 2004, pp.7-13.

KERNER, I. Tudo é interseccional?: Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos estudos CEBRAP**, n. 93, p. 45-58, 2012.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

LESSA, P.; GALINDO, D. **Relações multiespécies em rede: feminismos, animalismos e veganismo**. Editora da Universidade Estadual de Maringá-EDUEM, 2017.

LOPES, M. M.; COSTA, M. C. Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências. In: QUARTIM DE MORAES, M. L. (org.) *Gênero nas fronteiras do Sul*. Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, Coleção Encontros, 2005.

MACHADO, D. Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais na conservação de manguezais da Amazônia brasileira. **Estudos Feministas**, p. 485-490, 2007.

MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSOS, R. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 127-140.

MANZINI, E. J. Entrevista: definição e classificação. Marília: Unesp, 4 transparência. P&b, 39 cm x 15 cm, 2004.

MERTON, R. K. *The sociology of science: Theoretical and empirical investigations*. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

MONTEIRO, L. L. C; GARCIA, L. G. Veganismo, feminismo e movimentos sociais no Brasil. **Anais do**, v. 10, 2013.

MOREIRA, M. A. O professor-pesquisador como instrumento de melhoria do ensino de ciências. **Em aberto**, v. 7, n. 40, 2007.

MORTIMER-S. C. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. **Revista Estudos Feministas**, vol.19, n.1, p.175-195, 2011.

MOSCOVICI, S. **Sociedade contra a Natureza**. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Editora Vozes, 1975.

MURTA, S. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. AP. Prevenção ao sexismo e ao heterossexismo entre adolescentes: contribuições do treinamento em habilidades de vida e habilidades sociais. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 1, n. 2, p. 73-85, 2013.

NEWTON, M. **Savage girls and wild boys: A history of feral children**. London: Faber and Faber, 2002.

OLIVEIRA, J. **Você sabe o que é ecofeminismo? Descubra mais sobre a luta das mulheres e da natureza**. Disponível em: <https://www.thebodyshop.com.br/beleza-do-mundo/ecofeminismo-mulheres-natureza/> acesso, 18/11/2018.

OLIVEIRA, T. **Mais meninas na ciência**. Disponível em: <https://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/mais-meninas-nas-ciencias/> acesso, 01/04/2019.

OSADA, N. M.; COSTA, M. C. A construção social de gênero na Biologia: preconceitos e obstáculos na biologia molecular. **cadernos pagu**, 2006.

PAGAN, A. A. **Biologia para o autoconhecimento**: algumas considerações autobiográficas. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

PAGAN, A. A. **Ser (animal) humano**: evolucionismo e criacionismo nas concepções de alguns graduandos em Ciências Biológicas. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

PAGAN, A. A.; ARAÚJO, I, L. F. M. **Habilidades Socioemocionais e Afetividade no Ensino de Ciências e Biologia**: Pesquisas e Reflexões. 1ed.São Cristóvão: Editora UFS, 2019, v. 1, p. 172-198.

PAIVA, A. de S. **Princípios de design para o ensino de biologia celular**: pensamento crítico e ação sociopolítica inspirados no caso de Henrietta Lacks, Salvador, 2019).

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Diretrizes Curriculares de Biologia. Curitiba: SEED/SUED, 2008.

PEET, R. **As origens sociais do determinismo ambiental**. *Annals of Association of American Geographers*, vol. 75, n. 3, 1985, p. 309-333.

PELÚCIO, L. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 395, 2012.

PERRIER F., & NSENGIYUMVA, J.-B. Active science as a contribution to the trauma recovery process: Preliminary indications with orphans from the 1994 genocide in Rwanda (2003). **International Journal of Science Education**, 25, 1111–1128.

RAMÍREZ-GÁLVEZ, M. C. **Os sentidos e representações do ecofeminismo na contemporaneidade**. Iriê Prado de Souza (Universidade Estadual de Londrina, Especialização em Ensino de Sociologia), 2010.

REISS, M. J. The importance of affect in science education. In: ALSOP, S. **Beyond Cartesian Dualism: Encountering Affect in the Teaching and Learning of Science**. Netherlands: Springer, 2005. p. 17-25.

RIBEIRO, E. A. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROSENDO, D. Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista. Curitiba: **Editora Prisma**, 2015.

ROSENDO, D. Ecofeministas no campo: transformando relações de poder e opressão, Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

ROTH-JOHNSON, D. Back to the Future: Françoise d'Eaubonne, Ecofeminism and Ecological Crisis. **The International Journal of Literary Humanities**, v. 10, n. 3, 2013.

SANTOS, A.; FONSECA, R. P. Realidades e imagens do especismo: impactos da indústria (agro) pecuária e representações publicitárias de animais não-humanos sencientes. **Sociologia**, v. 23, p. 205-222, 2012.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n.2, p.71-99, 1995.

SCHMIDT, R. T. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. **Organon**. Porto Alegre. Vol. 27, n. 52 (jan./jun. 2012), p. 233-261, 2012.

SILIPRANDI, E. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro, Rio de Janeiro, **Revista Agriculturas**, 2009.

SILVA C. N.; ALMEIDA M. P. **A história do ecofeminismo: contribuições e limites**. III Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia. Ponta Grossa/PR, 2012

SILVA, E. P. Q. Quando o corpo é uma (des)construção cultural. In: MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; SERRA, M.; AMORIM, A. C. **Ensino de biologia**: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: Eduff, 2005. Parte 4. p. 141-150.

SILVA, A. F. G. da. **A construção do currículo na perspectiva popular crítica**: das falas significativas às práticas contextualizadas. São Paulo: PUCSP, 2004.

SIMÕES, A. A. **A concepção dialética do conhecimento e o ensino de Física**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, IF/FE – USP, 1994.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73- 102. SIQU

SINGER, P. **Ética prática**. 2. ed. Trad.: Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SINGER, P. **Libertação animal**. Porto Alegre: Lugano, 2004.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. de M. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.

TORRES, M. O ecofeminismo: " Um termo novo para um saber antigo". **Terceira Margem**, v. 13, n. 20, p. 157-175, 2009.

VIEIRA, H. L. C. Intercâmbio um processo catalisador na construção da alteridade. **Ciência Jurídica em Foco**, v. 1, n. 353, 2011.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, n. 44, 2016.

WARREN, K. CHENEY, Jim. "Ecological Feminism and Ecosystem Ecology". **Hypatia**, v. 6, n. 1, p. 179-197, Spring 1991.

WARREN, K. WELLS-HOWE, Barbara. **Ecological Feminism**. Cambridge: Routledge, 1994. 209 p.

WARREN, K. **"Introduction to Ecofeminism."** In: Zimmerman, M. E.; Callicott J. B.; Sessions, G.; Warren, K. J.; Clark, John (Eds.). *Environmental Philosophy: From Animal Rights to Radical Ecology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 2005. 495 p. p. 253-267.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de anuência



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA - PPGECIMA

TERMO DE ANUÊNCIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

A Pro-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Sergipe está de acordo com a realização do estudo **Contribuições do movimento ecofeminista para o ensino de Biologia: sexismo e o especismo nas falas de algumas mulheres veganas estudantes da UFS**, coordenado pela pesquisadora Valéria Santos Santana Oliveira, que está sob a orientação da Profa. Dra. Alice Alexandre Pagan, da Universidade Federal de Sergipe.

Ciente de que o objetivo é analisar indicadores de elementos ecofeministas nas falas de algumas mulheres veganas sobre como elas têm construído uma relação de afeto com a natureza e animais não humanos, com atenção especial aos temas do sexismo e do especismo e como essa relação poderá contribuir para o ensino Biologia., a instituição assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa nesta Instituição durante a realização da mesma.

A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/2012 do CNS e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa.

São Cristóvão, 03 de Mar de 2019


Prof. Dr. Dilton C. S. Maynard
Pró-Reitor de Graduação
Mat. SIAPE 2332689

Responsável institucional - Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard

Tel: (79) 3194-6415 / (79) 3194-6508

Email: secretariaprograd@ufs.br / secretariaprograd@gmail.com

Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO – PPGECIMA
 Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze – São Cristóvão – SE
 CEP 49100-000 – Telefone: (79) 3194-6388



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a)

Neste momento a senhora está sendo convidado(a) a participar, em caráter voluntário, do Projeto de Pesquisa intitulado “*Ecofeminismo e o ensino de Biologia: sexismo e especismo nas falas de algumas estudantes veganas*”, sob a responsabilidade da pesquisadora Valeria Santos Santana Oliveira, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe – Campus São Cristóvão, sob orientação da Profª Drª Alice Alexandre Pagan, e solicito sua autorização para utilizar os dados coletados através da gravação em áudio para elaboração da dissertação, do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

A pesquisa tem como objetivo analisar indicadores de elementos ecofeministas nas falas de algumas mulheres veganas sobre como elas têm construído uma relação de afeto com a natureza e animais não humanos, com atenção especial aos temas do sexismo e do especismo e como essa relação poderá contribuir para o ensino de Ciências e Biologia. Este estudo justifica-se

Esta pesquisa se mostra relevante no ensino de Ciências e Biologia por abarcar questões que norteiam o corpo e a sustentabilidade nas áreas de educação sexual, pluralidade cultural, direitos humanos e educação ambiental. A participação neste estudo consistirá apenas no processo da entrevista semiestruturada. Vossa colaboração será de muita importância para nós, mas a senhora tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem causar nenhuma penalidade e nenhum prejuízo. Diante desse aspecto é necessário avaliarmos custos e benefícios desta pesquisa. Considerando os aspectos do processo de coleta de dados a partir de entrevistas, que focam em aspectos emocionais, podem ser apontados alguns incômodos ou outros transtornos aos sujeitos como o fato do entrevistado sentir-se constrangido com alguma pergunta ou até mesmo possa reter a informação com receio da veracidade de seu anonimato. Do mesmo modo que a pesquisadora se responsabilizará em auxiliar as participantes

para minimização e proteção de quaisquer riscos durante toda a entrevista. Mas cabe ressaltar que os benefícios dessa pesquisa serão, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos e superam esse possível entrave, contudo, para evitá-lo, prezaremos por um trabalho ético, responsável e objetivo.

A participação dos estudantes será através do aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando claro no termo quais os riscos e benefícios. Vale ressaltar que cada participante tem o direito de receber uma cópia de TCLE devidamente rubricado.

Rubrica da pesquisadora: _____; rubrica da participante_____.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO – PPGEICIMA
Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze – São Cristóvão – SE
CEP 49100-000 – Telefone: (79) 3194-6388



Serão realizadas entrevistas de forma individual, gravadas em áudio, se houver o consentimento do participante. As perguntas que farão parte destas entrevistas serão sobre o objetivo da referente pesquisa. Será garantido o total sigilo quanto ao nome do entrevistado, segue informativo, baseado na resolução 466/2012, sobre direitos dos participantes: Apesar de toda pesquisa conferir certo grau de risco, neste caso, como um desgaste psicológico e/ou físico em especial, durante a realização das aulas, principalmente as que realização das entrevistas. Assumimos a responsabilidade em minimizá-los ao máximo, utilizando pausas entre as atividades, se necessário, ou cancelando quaisquer tipos de perguntas, caso o participante da pesquisa solicite.

Cada participante não terá despesa alguma decorrente de sua participação na pesquisa e poderá deixar de participar a qualquer momento sem precisar justificar e não sofrerá nenhuma punição, também não haverá nenhum valor econômico a receber ou a pagar pela sua participação. Em caso de algum dano comprovado decorrente da sua participação nesta pesquisa, poderá ser recompensado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

O seu nome será mantido em sigilo, garantindo a privacidade, caso deseje, terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos sobre os estudos dessa pesquisa, como também será informado de suas consequências.

As informações coletadas serão usadas, única e exclusivamente para finalidade desta pesquisa e os resultados serão publicados. Para garantir confidencialidade, todos os registros serão identificados por códigos, números ou nomes fictícios, gerando a impossibilidade da revelação das identidades.

Rubrica da pesquisadora: _____; rubrica da participante_____.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO – PPGEICIMA
 Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze – São Cristóvão – SE
 CEP 49100-000 – Telefone: (79) 3194-6388



Em caso de dúvida, entrar em contato com Valeria Santos Santana Oliveira, pesquisadora responsável através dos contatos : (79) 99900-0365 e e-mail: valeriasantana574@gmail.com, caso tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, na Rua Cláudio Batista s/nº, Bairro Sanatório, CEP: 49.060110 Aracaju/SE, ou através do tel: (79)3194-7208 e e-mail: cephu@ufs.br. Este termo foi elaborado em duas vias devidamente assinadas, sendo que uma ficará com a Sra. e a outra conosco.

Eu, _____, responsável por _____, estudante da Universidade Federal de Sergipe, informo ter sido suficientemente informada a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo —“*Ecofeminismo e o ensino de Biologia: sexismo e especismo nas falas de algumas estudantes veganas*”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus riscos benéficos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Tenho garantia de que o uso dos dados será somente para pesquisa, e a minha identidade será preservada.

Aracaju/ SE, _____ de _____ de 20 _____.

Assinatura da participante.

Valeria Santos Santana Oliveira
 (Pesquisadora responsável pela pesquisa)

Apêndice C: Roteiro da Entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO – PPGECIMA
 Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze – São Cristóvão – SE
 CEP 49100-000 – Telefone: (79) 3194-6388



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGECIMA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Bom dia/boa tarde! Eu me chamo Valéria, sou pós-graduanda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar indicadores de elementos ecofeministas nas falas de mulheres veganas, a respeito de suas relações de afeto com a natureza e animais não humanos, com atenção especial aos temas do sexismo e do especismo, traçando contribuições para o ensino Biologia.

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?
 - 1.1. Quem é você? (comente sobre sua infância, adolescência, vida adulta).
 - 1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?
2. Como é essa questão do veganismo? Quais razões te levaram a ser veganas?
3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?
4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?
5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

ANEXOS

Anexo A: Comprovante de envio do projeto ao Comitê de ética**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Contribuições do movimento ecofeminista para o ensino de Biologia: sexismo e o especismo nas falas de algumas mulheres veganas estudantes da UFS

Pesquisador: Valéria Santos Santana Oliveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 13630419.1.0000.5546

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.561.786

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo "Informações Básicas da Pesquisa" (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1212617.pdf, postado em 29/07/2019).

Este trabalho parte do ponto de vista que é preciso entender muito mais do que são apresentados os conceitos biológicos dentro do ambiente de ensino, se faz necessário desenvolver uma relação afetiva com a vida no planeta. Nesse sentido, estudo será apresentado à luz do movimento ecofeminista, o qual pode ser descrito como um movimento de equidade de gênero em meio à sociedade, que identifica-se pelo estímulo à participação das mulheres nas mais diversas esferas de decisão, principalmente as ambientais. Dessa forma, essa pesquisa objetiva analisar indicadores de elementos ecofeministas nas falas de algumas mulheres veganas sobre como elas têm construído uma relação de afeto com a natureza e animais não humanos, com atenção especial aos temas do sexismo e do especismo e como essa relação poderá contribuir para o ensino de Biologia. Este é um trabalho que contempla uma dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em ensino de Ciências e Matemática, e desenvolverá um estudo por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº
Bairro: Sanatório **CEP:** 49.060-110
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3194-7208 **E-mail:** cephu@ufs.br



Continuação do Parecer: 3.561.786

veganas da Universidade Federal de Sergipe.

Hipótese:

Podemos encontrar na literatura ecofeminista, várias interconexões entre a dominação das mulheres, dos animais e da natureza: Conceitual, socioeconômica, histórica, empírica, linguística, epistemológica, política, entre outras. Todas essas interconexões nos reforçam a uma necessidade de analisar com criticidade os dualismos existentes a partir dos quais a sociedade está estruturada, em especial, romper a barreira que existe da espécie a partir do círculo de moralidade e considerar também os animais não humanos e a natureza.

Metodologia

O presente projeto será caracterizado em sua abordagem como uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório. No intuito de viabilizar o desenvolvimento da pesquisa, o projeto será apresentado ao Programa de Graduação (PROGRAD) da UFS para que com a autorização possa dar continuidade. Em seguida, após ser aprovado pelo comitê de ética, será explicado à todas as participantes e serão esclarecidas as dúvidas pertinentes ao estudo. Mediante consentimento, a pesquisadora solicitará a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Após tais procedimentos, será adotada a técnica da entrevista semi-estruturada, que consiste na possibilidade que o entrevistador tem de dissertar sobre as experiências de acordo com o pressuposto principal da pesquisa, ao mesmo tempo em que permite respostas flexíveis por parte do entrevistado. Além disso, ao construir o roteiro o entrevistador leva em conta o embasamento teórico para elaboração das perguntas norteadoras do trabalho (TRIVIÑOS, 2009). Salienta-se que o roteiro da entrevista que será utilizado na pesquisa será validado por uma estudante vegana que não participará do processo de entrevista.

Critério de Inclusão:

Todas as estudantes precisam ser veganas e estudantes da Universidade Federal de Sergipe.

Critério de Exclusão:

Não ser vegana, nem estudante da Universidade Federal de Sergipe

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar indicadores de elementos ecofeministas nas falas de algumas mulheres veganas sobre

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº
Bairro: Sanatório **CEP:** 49.060-110
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3194-7208 **E-mail:** cephu@ufs.br



Continuação do Parecer: 3.561.786

como elas têm construído uma relação de afeto com a natureza e animais não humanos, com atenção especial aos temas do sexismo e do especismo e como essa relação poderá contribuir para o ensino de Biologia.

Objetivo Secundário:

Entender como se dá o processo de construção da relação afetiva de estudantes veganas com a natureza e os animais não humanos; Identificar nas falas do grupo pesquisado indicadores da perspectiva ecofeminista; Investigar se há contribuições dessas perspectivas para o ensino de Biologia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Possibilidade dessa avaliação causar algum risco emocional as participantes.

Benefícios:

Os benefícios dessa pesquisa é de cunho científico e humano, e para evitar quaisquer tipo de riscos, prezaremos por um trabalho ético, responsável e objetivo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este trabalho parte do ponto de vista que é preciso entender muito mais do que são apresentados os conceitos biológicos dentro do ambiente de ensino, se faz necessário desenvolver uma relação afetiva com a vida no planeta. Nesse sentido, estudo será apresentado essa visão à luz do movimento ecofeminista, o qual pode ser descrito como um movimento de equidade de gênero em meio à sociedade, que identifica-se pelo estímulo

à participação das mulheres nas mais diversas esferas de decisão, principalmente as ambientais. Dessa forma, essa pesquisa objetiva analisar indicadores de elementos ecofeministas nas falas de algumas mulheres veganas sobre como elas têm construído uma relação de afeto com a natureza e animais não humanos, com atenção especial aos temas do sexismo e do especismo e como essa relação poderá contribuir para o ensino de Biologia. Este é um trabalho que contempla uma dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em ensino de Ciências e Matemática, e desenvolverá um estudo por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes veganas da Universidade Federal de Sergipe.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

-Folha de Rosto devidamente assinada.

-Cronograma adequado

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº
 Bairro: Sanatório CEP: 49.060-110
 UF: SE Município: ARACAJU
 Telefone: (79)3194-7208 E-mail: cephu@ufs.br



UFS - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE



Continuação do Parecer: 3.561.786

- TCLE corrigido;
- Orçamento exequível.

Recomendações:

Recomendamos à pesquisadora que antes de entregar o TCLE, retire a seguinte frase " transtornos aos sujeitos como o fato do entrevistado ".A Resolução CNS N° 466 de 2012 substituiu o termo "sujeito de pesquisa" (previsto na Resolução CNS N° 196 de 1996) por "participante de pesquisa". Contudo, o termo antigo é ainda frequentemente encontrado nos Termos de Consentimento. Entende-se que a terminologia adotada pela Resolução CNS N° 466 de 2012 deva ser empregada em todos os documentos do protocolo de pesquisa, incluindo o TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se aplica.

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com as RES. 466-2012 e 510-2016 da CONEP-MS é de responsabilidade do pesquisador enviar os relatórios Parcial e Final da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1342189.pdf	29/07/2019 20:54:02		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_A_PENDENCIA_VALERIA.docx	29/07/2019 20:52:28	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_Valeria_modificado.docx	29/07/2019 20:36:48	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSETIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_MODIFICADO_VALERIA.docx	29/07/2019 20:18:06	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito
Cronograma	Cronograma_Valeria_modificado.docx	29/07/2019 19:13:41	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_Valeria.pdf	06/05/2019 22:28:32	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_Valeria.docx	06/05/2019 22:25:25	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito

Endereço: Rua Cláudio Batista s/n°
 Bairro: Sanatório CEP: 49.060-110
 UF: SE Município: ARACAJU
 Telefone: (79)3194-7208 E-mail: cephu@ufs.br



Continuação do Parecer: 3.561.786

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Valeria.pdf	05/05/2019 22:04:10	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito
Cronograma	Cronograma_Valeria.docx	05/05/2019 21:58:48	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito
Orçamento	Orcamento_Valeria.docx	05/05/2019 21:58:29	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Valeria.docx	05/05/2019 21:56:46	Valéria Santos Santana Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 09 de Setembro de 2019

Assinado por:
Anita Hermínia Oliveira Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº
Bairro: Sanatório **CEP:** 49.060-110
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3194-7208 **E-mail:** cephu@ufs.br

Anexo B: Transcrição das entrevistas

Entrevistada Liz

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?

Posso sim! Pode perguntar...

1.1. Quem é você? (comente sobre sua infância, adolescência, vida adulta).

Eu me chamo ..., tenho 24 anos e sou do interior de Sergipe. Minha infância e adolescência foi muito simples, rodeada de animais e de muitas árvores. Já agora na vida adulta está um bem diferente, pois não moro mais na mesma casa e também tem a correria do dia a dia entre trabalho e as aulas aqui. Mas eu gosto de lembrar de como cresci, porque uma parte do que eu sou é um espelho de tudo que vivi.

1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?

Desde minha infância quando tinha uns 6 a 7 anos sempre fui muito apegada aos animais, todos aqueles que eu convivia porque morava em sítio. Sempre gostei da natureza também em casa eu regava as plantas e em casa sempre ouvia que a natureza é nossa e tínhamos que cuidar dela. Na escola, mais precisamente nas aulas de ciências eu sempre aprendi sobre preservação do ambiente, sobre poluição, cuidar dos animais... Aí eu tentava colocar em prática em casa esses ensinamentos.

2. Como é essa questão do veganismo? Quais razões te levaram a ser vegana?

O veganismo entrou em minha vida, na verdade, deixe eu ver como explico... Desde criança eu nunca gostei de comer, mas era “obrigada” digamos pelos meus pais. Eu comia, mesmo sem vontade e segundo porque eu gostava muito dos animais que eu convivia e pensava que aquele que foi sacrificado também podia ter alguém que gostasse dele... Depois quando fui ficando adolescente, fui pesquisado o que eu podia comer no lugar da carne e fui explicando para minha mãe, primeiro ela achava que eu iria ficar fraca e doente, depois ela foi vendo que eu continuava a mesma sem comer carne. Hoje, já faz oito anos que vivo bem como vegana.

3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?

Pra mim humanos que não comem carne tem mais afeto e empatia com a natureza e os outros animais, somos pessoas que se preocupam com o meio em que vivemos e que desenvolvemos a consciência de sabermos que somos todos animais e não estamos em sua escala superior aos animais não humanos. Já os humanos que comem carne tem dois tipos: tem aqueles que comem a carne, mas tem empatia e consciência da morte do outro animal e estão em processo de desconstrução de si, para talvez um dia deixar de comer e tem aqueles que só pensam em manter seu ego e saciar o desejo da carne, como o popular churrasco.

4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?

Acredito que as mulheres tem uma relação mais próxima com a natureza que os homens, talvez por afetividade ou por ser colocada como inferior diante os homens. Patriarcado sempre nos apresentou o homem no topo do ego, mas não é assim que deve ser. Nós veganas e veganos conseguimos entender o meio ambiente de maneira mais sensitiva do que aqueles que não são veganos.

5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

Para mim o veganismo seria uma alternativa para termos um ensino com mais empatia, não só com os animais não humanos e a natureza, mas com todos os seres vivos.

6. Como é a questão da mídia em relação ao veganismo para a sociedade? Há influência?

Eu vejo uma influência mais positiva do que negativa nas redes sociais, porém na mídia em geral ainda há uma predominância negativa, pois as propagandas das indústrias da carne investem muito no marketing e acabam surtindo o efeito esperado por eles.

Entrevistada Luna

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?

Me chamo ..., tenho 19 anos. Moro com meus pais e gosto muito de estar lendo algo novo.

1.1. Quem é você? (comente sobre sua infância, adolescência, vida adulta).

Eu sou uma pessoa que sempre busca pela melhoria dos outros seres desde criança.

1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?

Quando era mais nova tive uma aproximação grande com a natureza e com o decorrer do tempo foi diminuindo o contendo e hoje em dia procuro me aproximar o máximo possível.

2. Como é essa questão do veganismo? Quais razões te levaram a ser vegana?

É uma busca pela empatia dos animais e os direitos dele. Tudo que está a minha volta foi motivo para repensar o meu modo de vida.

3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?

Ao meu ver, as pessoas que não comem carne procuraram o bem-estar e o direito dos animais. Já os que se alimentam apenas procuram forma de alimentar seu desejo e comodismo. Para mim não vejo nenhuma diferença porque nós buscamos a mesma causa.

4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?

É mais comum vermos mulheres, mas também tem homens que lutam pela mesma causa. Os não veganos é nítido ver que o homem se sente superior a mulher em várias situações. E também é mais comum mulheres veganas do que homens, porque tem aquela questão da masculinidade, né? Homens comem carne para ser mais fortes.

5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

Pelo o que eu me lembro das minhas aulas, não sabia da existência do vegetarianismo e veganismo só fui descobrir por outras pessoas. E a biologia que tive resumida ao que sempre foi descrito

6. Como é a questão da mídia em relação ao veganismo para a sociedade? Há influência?

Existe influência, e foi por meio dela que acabei me tornando vegetariana. Há conteúdo existente sobre esse assunto que facilita pessoas a se tornarem ou saberem notícias, também há o compartilhamento de informações.

Entrevistada Mel

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?

Me chamo Erínne, tenho 20 anos e 5 anos de vegana. Na minha vida eu sempre busco um pouco de cada coisa, tento estudar, trabalhar e viver tudo equilibrado é melhor para minha saúde mental.

1.1. Quem é você? (comente sobre sua infância, adolescência, vida adulta).

Não há muito o que dizer, tive uma infância alegre brincava muito com meus amigos, alguns ainda tenho até hoje.

1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?

Desde pequena eu tenho uma relação muito próxima com a natureza, é o que faz com que eu me sinta conectada com a vida, tanto amor pela natureza quanto pelos animais é algo que eu sinto desde a infância.

2. Como é essa questão do veganismo? Quais razões te levaram a ser vegana?

Pra mim, ser vegana é ser consciente com si próprio e com os outros animais não humanos.

3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?

Humanos que não comem carne tem mais harmonia com o mundo, a natureza, os animais. Humanos que comem carne estão mesmo que indiretamente destruindo a natureza e animais.

4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?

Acho que estão mais evoluídos, tem saúde melhor. Mas é mais comum mulheres veganas do que homens.

5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

Eu estudei em um colégio que não utilizavam animais nas aulas, mas tem alguns que usam, acho que deveria não ocorrer.

6. Como é a questão da mídia em relação ao veganismo para a sociedade? Há influência?

Tem, hoje em dia veganismo virou um certo tipo de moda, é bonito ser vegano, é legal ser vegano. Mas infelizmente a mídia distorce algumas informações a respeito da alimentação, isso é ruim. Quantas pessoas mais tiverem a informação do que é veganismo e como podem salvar os animais, melhor é. Mas é necessário também saber como realmente se alimentar, para não adoecer.

Entrevistada Cris

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?

Bom, desde minha infância que sempre tive uma afeição principalmente por animais (de todas as espécies). Os cuidados com a natureza também foram surgindo com os ensinamentos de casa e da escola, e desde pequena que eu já entendia a importância daquilo. Buscava sempre de alguma forma colocar em prática os ensinamentos sobre preservação, poluição, etc... E quanto mais eu crescia, mais me chateava em ver/saber que os animais e o meio ambiente sofriam injustiças. Na época do ensino médio acabei fazendo um curso técnico em meio ambiente e então ficou bem mais claro e maduro o conhecimento sobre a necessidade de preservação da natureza. Na época ainda tive um sonho de trabalhar no Ibama, mas acabei vindo para a medicina veterinária que já era sonho mais antigo. Desde a adolescência que eu sentia vontade de não comer carne, mas meus pais não permitiam, tinham medo de q eu ficasse doente, as informações não existiam como hoje... Me tornei vegetariana em junho 2015, meses depois de ter entrado na faculdade. De início achei que estava bom, mas cada vez que conhecia mais a forma como os animais de produção são tratados percebi que ser vegetariana ainda era pouco. Então consegui me tornar vegana a mais ou menos um ano.

1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?

Sempre fui muito próxima.

2. Como é essa questão do veganismo? Quais razões te levaram a ser vegana?

Eu ainda estou em processo de construção, mas considero o maior nível de empatia e sensibilidade humana.

3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?

Na minha opinião, humanos que não comem carne acabam sendo pessoas mais conscientes com relação à importância do meio ambiente e sua preservação para a nossa própria espécie, tem mais empatia ao sofrimento dos animais, entendem que os animais são criaturas que sentem dor, medo, e que merecem todo nosso respeito e cuidado. São pessoas que de certa forma tem um olhar mais cuidadoso e mais solidário. Porém, conheço muitas pessoas que comem carne, mas que também tem um certo cuidado, uma certa consciência com relação à natureza e aos

animais. Então, acho q alguns humanos que comem carne sabem da importância do assunto, mas não querem abrir mão da satisfação do seu paladar, muitos outros acham bobagem tudo isso, outros ainda são "ignorantes" no assunto, e tem gente que conhece e não se importa mesmo. Esses últimos infelizmente são muitos ainda, e acabam sendo preconceituosos com quem escolheu mudar seus hábitos.

4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?

Não acredito que exista alguma diferença considerável. Acredito, com base em pessoas que conheço, que cada um tem sua forma de respeitar, de cuidar, e são pessoas que sempre estão buscando tirar do seu dia a dia e dos seus hábitos as coisas que causam prejuízo ao meio ambiente e/ou que envolve sofrimento dos animais. Acho que independente de ser homem ou mulher, a forma de pensar de alguém que decide aderir ao veganismo é semelhante. Falando com base nas pessoas que conheço, não consigo identificar comportamentos diferentes. São pessoas que compartilham das mesmas opiniões, em sua maioria.

5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

Acredito que esse ensino é uma grande oportunidade de educação e conscientização de alunos e professores. É um ensino que está totalmente interligado com as ideias do veganismo, já que ao mesmo tempo que apresenta o que é a natureza e os animais, qual o papel deles, etc, conseqüentemente mostra a sua importância para todos nós. Apesar disso, acredito que o ensino voltando à conscientização ainda pode ser muito explorado.

6. Como é a questão da mídia em relação ao veganismo para a sociedade? Há influência?

Se existe influência, ainda parece ser mais negativa que positiva. O foco da mídia geralmente é mais voltado para a economia, para agronegócio, e coisas que na verdade são contrárias às ideias do veganismo, pois a preocupação maior é sempre a economia, o lucro, sem olhar para as conseqüências. Atualmente, com tantos estudos, pesquisas e principalmente com as evidências de que os animais sentem dor, sentem medo, fome, sede, ficam tristes, etc. Deveria ser questão de caráter o respeito e cuidado independente da espécie. Acredito que o caminho do veganismo é simplesmente ser exemplo, mostrar que é possível viver sem a morte dos animais, que existem alternativas para tudo, que veganismo não é coisa de rico, que é mais saudável e nem um pouco cruel.

Entrevistada Ana

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?

Sim.

1.1. Quem é você? (comente sobre sua infância, adolescência, vida adulta).

Bom, é... não sou vegana desde criança. Eu comecei com 17 anos, então antes disso foi um processo de transição aonde eu era a única semi-vegetariana da casa, sendo conduzida por uma mãe onívora e um pai onívoro. Então eu tive que desde cedo é... de certa forma impor a minha vontade, mas sem ferir-los de certa forma e, ao mesmo tempo porque eu era conduzida por ser menor, sempre fui conduzida. Mas tinha coisas que eu colocava: Não vou comer e pronto! Desde na faixa de uns 3 ou 4 anos já acontecia a rejeição por comer qualquer tipo de animal. Mas em especial, a carne de boi, que eu chamo de cadáver, é então, foi um processo a qual eu fui eliminando até chegar a fase dos meus 16, 17 anos onde eu tive mais acesso a informação, como eu moro no interior e na época 2005 ainda estava sendo introduzida né, não tinha qualidade muito boa como a gente tem hoje. Então foi quando eu comecei mais a ter esse acesso e comecei a pesquisar mais sobre o vegetarianismo porque eu me considerava vegetariana na época... mas não sabia que na verdade eu era semi-vegetariana porque eu ainda consumia alguns tipos de cadáveres e aí eu fui entender que o vegetarianismo seria só a questão de quem não consome carne, mas poderia comer leite e ovo que aí seria um ovo-lacto-vegetariano então, foi a partir da vivência da pesquisa que eu descobrir o veganismo aonde não é só a alimentação então, de certa forma, impôs minha postura de mulher né, de criança e mulher, em defender aquilo que eu acreditava que era não comer animais, inicialmente, antes de ter o conhecimento a fundo. Era alimentar, depois se tornou a transição para o veganismo foi pelos animais, então... e eu sempre fui uma criança de opiniões fortes, e de uma visão feminista, digamos assim, não 100% porque eu nem sabia o que era isso, mas eu tenho um irmão mais velho que eu e a criação sempre foi: Acorda, a mim né, logo cedo para arrumar a casa, enquanto meu irmão? Deixe seu irmão dormindo... Eu nunca aceitei essa visão machista das coisas, de valorizar mais um sexo do que o outro. É... eu comecei a questionar... Por que você me chama, mas não chama ele? Ah, porque ele é homem, ele não precisa fazer isso, às vezes, essa era as duas respostas que eu lembro quando era menor. Então eu comecei a minha própria militância dentro de casa, que foi não fazer as coisas, enquanto o meu irmão, o homem, ele não fizesse também. Teve um dia que não levantei porque ele também não levantou e foi a insistência, a questão do sexo feminino ser ditado a fazer - coisas de menina e ser feito coisas de menino – e eu sempre de fazer entre aspas “coisas de menino” porque eu sempre ajudava meu pai como ajudante de pedreiro, além de não

curtir a cor rosa, eu sempre preferi o azul. Eu sempre fui contra a maré, eu tenho a filosofia vegana há 12 anos, então depois que eu me tornei vegana teve grande mudanças e foi muita barra, em que sentido: Morando no interior, vivendo em uma cidade, onde não tem recurso de alimentar para o veganismo e para você ter uma qualidade boa na alimentação, você tem que viajar até a capital né, porque aqui no interior só encontrava o básico com lentilha por exemplo, e em valor muito alto. Eu não só comecei a ter uma alimentação melhor, quando comecei a ter bolsa de estágio e eu pegava uma parte desse dinheiro e comprava algumas coisas pra mim. Não tive orientação do vegetarianismo para o veganismo, então teve coisas que demorei muito tempo para encontrar como a pasta de dente e outras coisas pessoais. Quando eu me tornei vegana, na época, tinha que ser por uma causa ou por paixão aos animais, era muito difícil. No contexto geral, pra quem mora no interior, ser vegano é um desafio. Mesmo morando numa cidade considerada grande no estado, porém pouco desenvolvida culturalmente ou entre aspas, que ainda maltrata um animal enquanto procura abrigo para outro. Por exemplo: Enquanto tem pessoas que cuidam de gatos e cachorros, tem a cultura errônea da Vaquejada, aonde considera esse animal não humano um objeto de esporte. Porém. Animais não são coisas, são seres vivos! Eu sou uma vegana mais voltada para o naturalismo, não gosto de coisas industrializadas, então eu adoro o contato com a natureza tanto a fauna quanto a flora como um ser humano consciente. Precisamos preservar qualquer contato com o ambiente para que todos os seres vivos vivam em harmonia. Eu acho que o ser humano, por ser racional, se achar superior, a qualquer outro animal, todo mundo tem o mesmo direito a vida.

1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?

Então, no meu quintal desde pequena eu sempre convivi em contato direto com a natureza e eu sempre procurei ter o respeito, infelizmente minha mãe criava animais junto e eu não podia, nem tinha esse tipo de consciência, ela criava galinha, ovelha depois vendia ou matava. Eu lembro que a gente saía para levar a ovelha para comer numa região que tinha mais mata, enquanto isso eu brincava com minha mãe sentindo a energia da natureza, ela sempre dizia que eu era muito sensível a essas energias. Sempre que eu estava triste ou com raiva, eu ia para o quintal e ficava lá... era como o meu refúgio. Depois de adulta, eu tive oportunidade de ir conhecer o mar, desde então tem sido minha paixão. Infelizmente eu ainda encontro muita sujeira por lá, as pessoas sempre se sentem superior a fauna e a flora...

2. Como é essa questão do veganismo?

É... o veganismo para a sociedade ainda é visto como um bicho de sete cabeças, não sabem diferenciar vegetarianismo do veganismo, as pessoas não entendem a diferença ou melhor dizendo a igualdade que tem entre um cachorro e um boi, um porco e gato ou um passarinho, dentro dos animais não humanos eles separam as espécies. Não conseguem entender que o veganismo é uma filosofia de vida que engloba a razão de você não usar nada de origem animal, certo que, você não consegue ser 100% o tempo inteiro, dentro da sociedade em que vivemos. A falta de consciência nesse processo de entender que o animal que você aceita cuidar e igual ao que você coloca no prato para comer que não existe diferença. As pessoas só sabem que hoje em dia está muito mais visível por conta dos artistas e da mídia, como é o caso da Xuxa ter se tornado vegana, não sei se por moda ou por consciência, sei que essa visibilidade leva as pessoas procurarem saber e se informar mais sobre essa causa. Animal não é comida, em nenhum momento.

3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?

Então, é... Quando você fala de humanos que comem cadáver, e aqueles que não comem a relação ao se comparar está relacionado a consciência de cada um, consciência de entender que o que vai para o prato era um ser vivo, um animal.

4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você tem a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?

Bom, em tudo na vida tem uma distinção, mas nesse caso eu acho que é a quantidade. Pelo que eu vejo tem muito mais mulheres veganas do que homens veganos, então nesse processo realmente a gente percebe que as mulheres tem um pouco mais de sensibilidade em perceber de que o animal não é uma coisa e ainda tá enraizado muito na cultura a questão machista que o homem tem que comer isso, que o homem tem que comer carne, precisa da carne do cadáver para poder ficar forte para ter proteína. Sendo que tem outras formas de ter proteína, porém é uma questão cultural do macho alfa do churrasco. Então as vezes, para o homem em si possa ser um pouco mais difícil pelo que eu percebo quando já estão veganos, é a mesma coisa, assim cada um tem sua vivência de como fez pra chegar até ali, mas o respeito e a forma de ver as coisas são as mesmas né, e tenta ter a participação de comum acordo. Mas eu vejo sempre mais mulheres veganas, do que homens veganos.

5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

É, já faz um tempinho que eu tive aula de ciências e biologia... Na época que eu me tornei vegana eu ainda no ensino médio, então eu passei ainda primeiro e segundo ano do médio meio que nessa transição da consciência e dentro da ciência biológica ela ainda tem que evoluir bastante, é em relação a minha época, não sei como está atualmente, isso foi em 2005, 2006... e realmente o animal não tinha significância ele era taxado como uma coisa e ainda é, mas depois que desse projeto de lei, eu espero que melhore que animal não é coisa. Essa disciplina sempre deixava a desejar ao veganismo, no sentido de que tinha que fazer algum trabalho com algum animal, não tinha o cuidado em explicar que caso fosse pesquisar sobre o animal não era necessário matar ele. Você pode ter outras formas de coletar essa informação sem precisar matar. Ainda bem que pra mim foi bom porque eu não tinha laboratório de biologia então eu não fiz dessecamento de sapo nem empalhei borboletas, nem fiz visitas ao zoológico, porque é um absurdo você pegar e prender o animal lá pra ser observado pelo ser humano que acha ser superior a esse animal. E por se achar superior, então vamos colocar esse animal inferior pra ser visto. Eu espero que hoje tem mudado, espero que o ensino de Biologia esteja mais afetivo e mais consciente para o ser animal não humano. Que seja um ensino mais ecológico e mais feminino que ensine que temos uma fauna e uma flora que precisam ser preservadas. Os professores precisam ensinar e sensibilizar-se que não precisamos matar nem torturar para se ter informações e conhecimentos. Existem simuladores na tecnologia que possam ser utilizados para obter conhecimento, porque o animal não é um objeto.

Em relação as outras ciências não só as biológicas, podemos passar de forma interdisciplinar a questão da sensibilização e consciência também. Por exemplo as ciências sociais poderiam mostrar que a sociedade ela muda, ela evolui e que existe outras formas de viver e estudar sem maltratar. Dentro da química também, pois não precisamos de fazer o uso de produtos de origem animal para o nosso consumo... Porque é na escola que estamos em constante processo de informação e construção do saber, estamos ensinando sobre a vida para a vida, e o veganismo é a causa pela vida.

Entrevistada Bia

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?

Eu sou ..., tenho 19 anos e vou fazer 3 que sou vegana. Antes eu me considerava apenas vegetariana, porque não comia a carne.

1.1. Quem é você? (comente sobre sua infância, adolescência, vida adulta).

1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?

Eu sempre me senti conectada com a natureza então considero que eu sempre estive próxima, até mesmo agora que fico mais aqui na Ufs, porque aqui tem muitas árvores que podemos sentar perto e ficar observando suas formas e sentindo sua energia.

2. Como é essa questão do veganismo? Quais razões te levaram a ser vegana?

O veganismo é um processo de (des)construção do ser, do qual você precisa passar por vários processos e respeitar o seu tempo. Ninguém acorda num belo dia e decide ser vegano. Foi e é assim comigo, porque eu sempre tenho que está pesquisando e aprendendo mais sobre.

3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?

Os humanos que não comem carne cuidam e presam pelo nosso habitat muito mais que os humanos que comem carne.

4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?

Entre mulheres e homens veganos não vejo muita diferença não, todos tratam os animais não humanos por igual só que vemos mais mulheres que homens neste cenário. Agora os que não são veganos sempre se acham superiores, principalmente os homens.

5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

Acredito que seria uma alternativa para um ensino com maior afeto, inclusive minha disse um dia desses que a professora de Ciências dela entrou nesse assunto na sala e explicou para eles

sobre o veganismo, sobre afetividade e sobre a natureza. Aí os colegas dela fizeram várias perguntas.

6. Como é a questão da mídia em relação ao veganismo para a sociedade? Há influência?

Na mídia em geral o que predomina é a indústria alimentícia, o popular consumo da carne que é proteína. Mas vejo um crescimento bem maior do que comparado aos anos anteriores, espero que continue crescendo.

Entrevistada Carol

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?

Sim. Me chamo ..., tenho 23 anos e sou daqui mesmo.

1.1. Quem é você? (comente sobre sua infância, adolescência, vida adulta).

Bom, eu sou uma pessoa alegre e que sempre gostei de aventuras, desde minha adolescência que eu ia acampar com meus amigos e ficávamos admirados com o nascer do sol entre as árvores. Na infância eu só lia histórias de aventuras mesmo, porque meus pais não me deixavam sair sem eles (risos). Agora depois de adulta foi que diminui mais por causa dos estudos e do trabalho.

1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?

Ah, eu lembro de muita coisa... Lembro de que sempre que íamos para a casa da minha avó tínhamos a tarefa de regar as plantas com ela e alimentar todos os animais. Ela tinha gato, cachorro, carneiro, papagaio, cavalo, galinha e ainda tinha aqueles macaquinhos engraçados que apareciam vez ou outra... Nesse tempo eu não tinha consciência que as pessoas discriminavam uns animais dos outros, que o cachorro e o gato podem ser considerados da família, enquanto o carneiro, o boi, a galinha e o porco não, servem apenas para alimentação. Sem contar que o ser humano também se sente bem mais superior a todos estes animais.

2. Como é essa questão do veganismo? Quais razões te levaram a ser vegana?

O veganismo pra mim, é uma forma de vida consciente. Eu vivo e me alimento, mas também deixo os outros animais viverem. Me tornei vegana justamente por isso, se existe outras formas de sobrevivência para que eu vou precisar matar outro animal? Não vejo necessidade para isso, a não ser aquela de alimentar o ego e o desejo.

3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?

Então, as pessoas que comem carne só pensam em si próprias e são levadas pelas indústrias alimentícias. Já as que não comem tem mais afeto com os outros animais.

4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?

Acho que a maioria são mulheres, pelo menos é o que vejo nos lugares em que frequento. Nós mulheres somos mais próximas da natureza e por isso temos mais empatia por ela, claro que também tem homens mais são poucos comparados a nós. Os homens ainda estão naquela fase de serem superior a tudo e a todos, principalmente a nós. Para eles e uma parte da sociedade eles são mais fortes e nós mais frágeis, digo uma parte da sociedade porque infelizmente também tem mulheres que pensam como eles.

5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

Se as aulas de ciências e biologia fossem ensinadas também falando sobre o veganismo, talvez ajudasse os estudantes desenvolverem um raciocínio crítico sobre o ensino. No meu tempo de escola, nunca ouvir falar nada a respeito, mas hoje eu tenho uma amiga professora de biologia que passa estudos de caso para seus alunos que envolvem o veganismo, os animais e a natureza trabalhando o conteúdo de alimentação e saúde... Para ela os resultados são muito positivos.

6. Como é a questão da mídia em relação ao veganismo para a sociedade? Há influência?

Nos últimos tempos a mídia tem dado um pouco mais de visibilidade, não sei se porque os artistas da televisão em aderindo ao modo de vida vegano ou porque estão realmente dispostos a mudar. Hoje eu vejo propagandas vegan, redes sociais explicando os mitos e tabus que inventaram sobre o veganismo, vejo artistas postando receitas vegan, isso me deixa muito contente, porque eu acredito que um dia seremos vistos como espécies que vivem e desfrutam o mesmo habitat sem precisar acabar com a vida do outro.

Entrevistada Luz

1. Você poderia, por favor, me falar um pouco sobre sua vida?

Boa tarde, posso sim. Meu nome é ..., tenho 26 anos e sou vegana há 7 anos. Bom a minha rotina é um pouco agitada, mais tento ao máximo manter minha alimentação saudável e consciente. E tento falar sobre isso para outras pessoas também.

1.1. Quem é você? (comente sobre sua infância, adolescência, vida adulta).

Eu tive uma infância e adolescência mais voltada para os livros, não gostava de sair muito não. O que de certo modo ajudou bastante para que eu buscasse pesquisas sobre o veganismo e pudesse tirar minhas dúvidas. Agora na fase adulta continuo lendo, mas é mais os textos das disciplinas (risos).

1.2. No que diz respeito a estar próxima ou distante da natureza quando você olha para sua história, o que você se lembra?

Bom, na minha infância eu não vivi muito em contato com a natureza não. Mas eu sempre ia ao parque da cidade, ficava olhando os animais ali preso e sentia um desconforto porque se fosse eu não queria está ali presa, então não deviam estar presos só para entreter o público e em nome do entretenimento e do lucro. Hoje, sempre que posso vou a lugares da natureza que me transmitam paz e me conectem com ela.

2. Como é essa questão do veganismo? Quais razões te levaram a ser vegana?

O veganismo para mim é viver como os outros animais, mesmo sendo racional. Porque eu não colaboro com essa parte da sociedade que mata os outros animais não humanos, só por se sentirem superior a eles. Também é preciso entender que temos que cuidar da natureza. Infelizmente a pergunta que mais escuto é: Como é que você consegue viver sem carne? Eu respondo: Como é que você viver com carne? Porque você está colocando na mesa um animal que também sofre pra morrer.

3. Se você pudesse comparar, como seria o modo de pensar e agir das pessoas (humanos que comem carne x humanos que não comem carne) em relação a natureza e aos animais não humanos?

Com certeza há mais mulheres veganas que homens, também na sociedade machista em que vivemos existem muitos tabus que norteiam esse universo. O homem vegano, as vezes é algo

de preconceitos assim como o homem bailarino, entende? As mulheres são seres frágeis e fúteis por isso se interessam por essas causas (risos), eu escuto muito isso.

4. Quando você pensa nessas relações com a natureza, o que você a dizer sobre mulheres e homens veganos? E os não veganos? Há diferença?

Os veganos tem mais afeto e sensibilidade com a natureza e os animais não humanos, sem dúvida. Os não veganos enxergam com os olhos da maioria. O planeta é nosso, a natureza e nossa e os animais são nossos. Pronto! E eu ainda colocaria na visão do homem a mulher também pertence a ele (risos).

5. Quando você pensa sobre o ensino das ciências e a biologia ensinada nas escolas, o que o veganismo tem a dizer a ela?

Ah, seria surreal um ensino que abordasse temáticas como essa. A Biologia é uma disciplina muito importante, fala sobre a vida. Tudo a ver com o veganismo.

6. Como é a questão da mídia em relação ao veganismo para a sociedade? Há influência?

A mídia ainda precisa dar uma visibilidade maior e de maneira correta. Não visando apenas o lado do lucro.